

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SOUZA, Sílvia Ramos de. Sílvia Ramos de Souza (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 1min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Sílvia Ramos de Souza
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 09/12/2011

Duração: 2h 1min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: AIDS(doença); Anos 1980; Anthony Garotinho; Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Atividade profissional; Atuação parlamentar; Banco Mundial; Cândido Mendes de Almeida; Casamento; Departamento Nacional de Trânsito; Discriminação racial; Discriminação sexual; Educação sexual; Ensino superior; Esquerda; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); Fundação Oswaldo Cruz; Homenagens e condecorações; Homossexualismo; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); José Sarney; Leonel Brizola; Luiz Eduardo Soares; Militância política; Organizações não governamentais; Peter Fry; Política científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Psicologia; Rede Globo; Reforma sanitária; Relações internacionais; Rio de Janeiro (cidade); Roberto Marinho; Segurança pública; Sexualidade; Sociedade civil; Violência;

Sumário

Entrevista 09 de dezembro 2011: A graduação em psicologia, o mestrado na PUC em 1982 sobre temas sociais e o doutorado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); vida profissional como assessora parlamentar e a militância; a saída do doutorado e a entrada na Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia); o retorno ao doutorado pela Fundação Oswaldo Cruz na área de violência e saúde; a passagem pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); a relação com Herbert José de Sousa (Betinho) e Herbert Daniel; a questão do financiamento para a área da AIDS; as influências do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) na Abia; a composição inicial da Abia; relação entre Betinho e Peter Fry; o contato com Carmem Dora Guimarães (Carmita) e o movimento LGBT; o casamento com Liszt Benjamin; a candidatura de Herbert Daniel como deputado estadual; o grupo de Carlos Nelson dos Santos; a qualidade do sangue no Brasil e a contaminação da população hemofílica; o dia em que Betinho descobriu ser HIV positivo; a morte de Peggy Pereira; a criação da International Interdisciplinary Aids Foundation; o papel da Abia e do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA) na luta contra o preconceito na questão da AIDS; a contratação de Herbert Daniel na Abia; os financiamentos recebidos pela Abia; os impactos dos casos de Aids na matriz da Fundação Ford em Nova Iorque; a conversa de Betinho com Roberto Marinho sobre a posição da TV Globo em relação à epidemia de Aids; as ONGs nos anos 1980; o impacto da Abia na sociedade civil; o diálogo com o governo no período da reforma sanitária; a proibição de banco de sangue privado no Brasil e a figura de José Sarney; a campanha “Quem vê cara, não vê Aids”; o grande financiamento do Banco Mundial; a crise interna da Abia e a saída da entrevistada em 1991; as reuniões nacionais sobre Aids; a posição do Grupo Gay da Bahia (GGB) no início da epidemia e a invenção do safer se; As relações internacionais da Abia; a Inter-American Foundation (IAF); a posição da Organização Mundial da Saúde (OMS) e as respostas globais a Aids; o Programa Nacional de Aids; as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) no lugar das Organizações não governamentais (ONGs); a saída da Abia e a ida para FAPERJ com Fernando Peregrino no período do governo Brizola; a aproximação da questão do baile funk, do preconceito e da violência no Rio de Janeiro; a opinião de Brizola sobre a violência no Rio de Janeiro; o grupo do Instituto de Estudos da Religião (ISER) de pesquisa sobre

violência; a participação na banca de seleção do projeto Prêmio IPP-Rio; a eleição de Garotinho e o convite para uma subsecretaria; a criação do Disque-Defesa Homossexual (DDH); a interpretação da esquerda sobre questões de violência e segurança; o episódio do grupo de Luiz Eduardo Soares no prédio do Departamento de Transito (DETRAN); a criação do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) pela Universidade Candido Mendes, a atuação de Elizabeth Leeds e o desenvolvimento da área de governança e segurança pública.

Entrevista: 09/12/2011

H.A. – Dia 09.12.2011, muito prazer de ter a Sílvia Ramos aqui para conversar entrevista dentro do projeto Memória da Fundação Ford no Brasil. A Sílvia é um caso curioso que vamos conversar sobre dois projetos que ela participou, participa, que tem ou tiveram financiamento da Ford¹. Um é na área mais de... Que eles consideraram saúde reprodutiva, sexualidade que é a Abia² e o Cesec³, onde ela é diretora hoje, na área de segurança pública no escopo ali de governança, sociedade civil na Fundação Ford. Então começando pela Abia...

L.O. - Eu gostaria de alguma coisa antes.

H.A. - É verdade, você tem razão. Você gosta muito de saber da formação.

L.O. - É. Acho importante. Quer dizer, a gente viu no grande mestre que é o Google, que a gente bota lá em tem as informações. Você fez psicologia com graduação e mestrado na PUC⁴, não é? É interessante que a gente vê aí o seu doutorado... Segundo o Google, mestrado em 82 e o doutorado vai ser em 2007. Então vamos dizer assim, entre o mestrado e ou doutorado a sua vida profissional toda aconteceu. Você podia contar um pouco pra gente como você se aproxima do campo este, antes de estar na Abia, quer dizer, se a sua graduação, o seu mestrado em psicologia ajudou... Como você chegou a Abia, antes da Abia, propriamente dito?

S.S.- E essas coisas estão muito ligadas porque eu saí do mestrado e fui direto para o doutorado. Eu fiz para o doutorado no Iuperj⁵. Acho que meu mestrado é 82, se não me engano, já nem me lembro. Acabo em 82. Então em 83 entrei para o doutorado no Iuperj, já fazendo uma saída... A minha tese de mestrado na PUC foi “*A psicologia sobe o morro. Psicólogos trabalhando em favelas do Rio de Janeiro*”. E a minha orientadora era a Ana Maria Ribeiro

¹ Fundação Ford

² Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

³ Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

⁴ Pontifícia Universidade Católica

⁵ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

Coutinho, ex Ana Maria Guimarães. E quando ela viu a minha inclinação para os temas sociais e tal ela disse: “Não, você tem que fazer um doutorado em ciências sociais” e me encaminhou para o César Guimarães que então era ex-marido dela. E eles: “vêm, não sei que e tal.” E eu passei para esse doutorado. E comecei fazendo o doutorado, na época com uma tese sobre... Eu era militante do movimento ecologista, ambientalista, uma tese sobre política nuclear no Brasil e comecei no primeiro ano de doutorado... E eu tinha sido durante muitos anos assessora parlamentar do José Eudes, que é o primeiro parlamentar aqui no Rio do PT⁶. E eu mais ou menos tinha uma vida profissional como assessora parlamentar, que era minha militância de esquerda, eu tinha sido da esquerda revolucionária da Polop⁷, e tudo, e depois a gente apoiou o PT. O Eudes [José Eudes Freitas]... Aquele mandato dos *autênticos*. Foi o primeiro mandato e era uma coalisão PO⁸, MEP⁹ e AP¹⁰. Era o Cunca [Pedro Cunca Boicaiúva], Sidney Lianza e eu, cada um representando uma organização, que a gente apoiou o mandato do Eudes. O Eudes se elegeu, surpreendentemente, depois o Eudes se manteve, se elegeu deputado federal e tal, e eu fiquei como assessora parlamentar dele. Eu ganhava a vida com isso. Quando eu entrei para o doutorado, o Eudes... Não sei se foi antes ou depois, eu me afastei do mandato. Ele não se elegeu, ele foi trabalhar com o Saturnino [Saturnino Braga] na prefeitura, aquilo não me interessava, eu passei para o doutorado, fiquei com a bolsa de doutorado e fiquei sem o emprego profissional fixo. Nisso, a Miriam Goldenberg, que tinha sido convidada pelo Betinho para ser secretária executiva da Abia, pra ser a primeira pessoa que ia tocar a Abia, ela disse: “Não, não quero”. Ela estava tentando passar para o doutorado na Iuperj, e eu já estava no doutorado. E eu estava no doutorado, dizendo: “Ah, mas eu estou achando isso muito chato, eu quero outra coisa, eu quero a vida, e não estudo”. E ela disse: “eu quero o contrário”. E ela me indicou, fui fazer uma entrevista como Betinho, tal. Eu comecei na Abia um negócio que o Betinho chamava “Contrato de risco”. “Você aceita um Contrato de risco?”. Que é o seguinte, você vai começar a trabalhar, o seu primeiro salário você ganhar se você conseguir o primeiro financiamento da Abia. Não tinha dinheiro nenhum para me pagar. Aí tive essa entrevista com

⁶ Partido dos Trabalhadores

⁷ Organização Revolucionária Marxista - Política Operária

⁸ O que seria PO - [Organização de Combate Marxista-Leninista - Política Operária?](#)

⁹ Movimento pela Emancipação do Proletariado

¹⁰ Ação Popular

ele e tal, falei da minha trajetória com o José Eudes e tudo, aí ele disse “Sim”. Eu entrei para a Abia, nesse negócio meio improvisado, não sabia ainda se era uma coisa grande, a Abia não existia ainda nem como organização, não existia nem como formato legal, era uma intenção, era um projeto. Mas a Abia *foi tão rápido*, andou tão rápido e andou tão forte que eu fiz o doutorado, fiz minha qualificação no doutorado, mas eu não defendi a tese. Já a qualificação eu estava assim lá pelos trancos e barrancos e eu não defendi... Aí na ocasião, já era sobre Aids. Quer dizer, assim que eu entrei para a Abia me apaixonei pelo tema da Aids, claro que era uma coisa mais de ciência política, políticas para Aids no Brasil e tal. Mas aquela militância ali na Abia me tomou tanto que eu me afastei do doutorado e eu nunca mais defendi essa tese, fechei lá, tranquei lá no doutorado, mas fiz a qualificação lá e tal. E depois quando eu saí da área da Aids, fui para a área dos estudos de violência, *muito depois...* O Cesec foi criado em 2000. Aí eu só retomo o doutorado, pela Fiocruz¹¹, na área de violência e saúde, no estudo de violência que já era meu novo campo. A gente criou o Cesec em 2000, comecei a trabalhar com o Luiz Eduardo na secretaria em 99, e eu só retomo o doutorado em 2004. Aí em três anos eu fiz o doutorado, então foram esses desvios. É isso exatamente que você falou. No meio desse caminho teve um monte de experiências profissionais. Quer dizer, duas muito fortes: a da Abia que durou até 90, 91. 91, não é?

L.O. - Google informa que foi 91.

S.S.- Essas coisas estão no currículo lates, não é?

H.A. - É, exatamente.

S.S.- E depois quando retomo isso em 98, 99. Aí bom, depois teve a passagem pela Faperj¹², eu coordenei uma pesquisa, um seminário sobre *Mídia e violência*. Tem até uma publicação. Quer dizer, eu já estava migrando, saindo da área da Aids. Mas então, é essa. Quer dizer, a minha passagem pela Abia foi muito mais do que apenas uma vivência profissional. Eu mudei meu tema de tese, de doutorado, acabei não fazendo a tese porque fiquei extremamente

¹¹ Fundação Oswaldo Cruz

¹² Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

envolvida. Aquele negócio me consumia realmente 24 horas por dia, se tornou, de fato, um trabalho e uma *militância* e quase também uma inserção, um campo de vida, com novas pessoas, com nova cultura e tudo.

H.A. - Lidar diretamente com o Betinho também devia ser uma experiência...

S.S.- *Também*, uma grande experiência, Herbert Daniel. Vou falar isso mais a frente, quer dizer, eu que convidei o Daniel [Hebert Daniel] para trabalhar na Abia, *com o financiamento da Ford*, que foi uma *grande* torção, um *grande* movimento que a Abia fez, não é? Mas então realmente foram anos muito intensos.

H.A. - Pois é, nesse começo que você entrou sem garantia de salário, sem saber se você ia conseguir financiamento, essa busca por financiamento, as pessoas entendiam, já tinham uma mobilização em termos... Seria fácil conseguir um financiamento para a Aids naquela época?

S.S.- Olha, a imagem que eu faço é a seguinte: sabe uma porta? Você abre um negócio e tem uma porta, de repente começam a arrombar a porta de tanta gente batendo, querendo comprar o que você está fazendo? Era assim uma avalanche de interesses de financiamentos. A Abia nunca teve nenhum problema com isso. Era assim, a gente tinha que dizer assim: calma, espera aí, não consigo mais fazer tantos projetos assim. Era uma... Depois, eu acho, que do financiamento da Ford, principalmente, a gente teve dois primeiros financiamentos muito pequenos, mas foram muito importantes, justamente para pagar o meu salário e para alugar a primeira casa, para fazer um negócio micro que era, era só eu e uma secretária, primeiro, no primeiro ano, ano e meio, era um financiamento do Inamps¹³ do Hésio Cordeiro. Não sei nem como que o Inamps financiava aquilo, claro *que tudo, é lógico* contava não só com o projeto da Abia, mas com a credibilidade do Betinho. Até hoje eu não entendo muito bem, mas isso talvez é uma história que não interesse aqui porque é menos Ford, é mais Abia propriamente, e mais Betinho, e até hoje eu não entendo porque o Betinho não criou um braço do Ibase¹⁴ como sendo Abia...

¹³ Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

¹⁴ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

L.O. - Isso era uma das coisas que eu ia te perguntar.

S.S.- Não compreendo. Porque o Ibase tinha a parte sindical, a parte agrária, a parte... O Betinho teve alguma... Ele teve alguma... Porque você poderia dizer assim, ele criou como um braço do Ibase e cresceu tanto que ele teve que criar uma... Não foi assim. Desde o começo, desde antes da Abia existir, ele teve uma intuição de que aquele tema não poderia ser dentro do Ibase. Mas ele utilizava *tudo* do Ibase, o prestígio dele, as conexões, o conhecimento, o estilo, tudo da Abia teve essa marca. Não exclusivamente, porque houve outros interlocutores muito importantes. Mas, assim, por que ele não criou? Então ele criou... Logo no início, no plano zero já era fazer uma organização separada. Separada, que no começo realmente ficou ali muito tributada do Ibase. A casa que eu consegui alugar foi uma casa em frente. Para vocês terem uma ideia, o cabo que ligava a Abia... Porque o Ibase estava criando nessa época a APC, “Association for de Progress of Communication”, que era o grande projeto do Ibase com Carlos Afonso, que era toda coisa... Não existia ainda internet, não existia ainda nem esse nome, mas era uma rede de dados, era uma rede de computadores ligados entre si que tinha já ligações remotas, passava por uns *gates*, na época e tudo. Nós, a Abia se ligava, o *grande* projeto da Abia, o primeiro projeto da Abia era ser um “datacenter”, ter um banco de dados com informações sobre Aids. Porque era aquele momento em que não estava *nem definido* se era um vírus... No início, no início da Abia ainda... Já logo depois foi, mas nos primeiros momentos havia disputa se era um vírus de verdade ou era a chamada teoria ecológica, que era uma série de outras coisas que causavam Aids. Então, eu sei que tinha essa ideia de ter informações sobre Aids. A Abia se ligava ao Ibase, a rede do Ibase, por um cabo físico! [riso] Olha que loucura, era um cabo que passava pelo outro lado da rua, gente, era um troço louco. Então tinha toda coisa do Ibase e tal. Então teve esse financiamento do Inamps, teve o financiamento da Finepe¹⁵, também. Os projetos que a gente fazia ali... Eu tinha uma mesa ao lado da mesa do Betinho dentro do Ibase, enquanto não tinha... Tinha a mesa dele... Na sala dele, o Ibase já era grande naquela casa grande na Vicente de Souza, ele botou uma mesinha assim. Eu funcionava lá, assim, numa mesinha. Então escrevia os projetos lá e tudo. Segundo projeto foi aprovado, da Finepe. Eu nem me lembro, acho que já era como uma coisa já de informação e aí chega o

¹⁵ Financiadora de Estudos e Projetos

Peter Fry que era do conselho... Não sei que nome tinha, mas era como se fosse um conselho curador. Não era nem o conselho, nem a diretoria, nem nada da Abia, era uma reunião, uma espécie de assembleia de sábios que se reunia...

H.A. - Foi assim que começou, não é?

S.S.- De vez em quando. De cada um na sua vida. Tinha o Carlos Nelson Coutinho, tinha o Peter Fry, tinha o Sergio Carrara, não sei se o Sergio Carrara já era, tinha o Nilo Batista, tinha outras pessoas assim.

H.A. - A gente entrevistou o Sergio Carrara aqui, ele falou que ele foi um dos fundadores.

S.S.- É. Eu não sei que conversas tinha o Peter [Peter Fry] com o Betinho, mas eu sei que o Peter depois teve várias conversas comigo já, dizendo: “Olha, você acha que dá? Dá para a gente pensar num financiamento grande, institucional e tal?” Eu digo: “Dá, dá”. E estava vindo aquela onda, aquela avalanche de solicitações por informação, o telefone da Abia já não parava e ofertas de financiamento e demanda, foi realmente assim uma *onda*. E o financiamento da Ford foi *crucial* para permitir que a Abia se estruturasse e mudasse de patamar, daquela coisa ali meio doméstica, caseira. O Peter Fry deu quase como contrapartida para contratar a Carmem Dora Guimarães que era a Carmita, que era muito amiga de um cara... Ela era tia de um cara do movimento, da época que chamava movimento homossexual, hoje chama movimento LGBT, do movimento gay na época no Rio, esqueci o nome do cara, acho que ele morreu já de Aids, eu tenho impressão, que eu nunca conheci, mas era um cara conhecido. Ele era muito amigo do Peter, acho que eles militaram juntos naquela revista *Lampião* e não sei como a Carmita se ligava ao Peter, mas ela estava na USP¹⁶, tinha acabado de fazer o mestrado dela na USP, tal. Ele meio que colocou ela assim como... Não sei exatamente porque ele fez isso, se era um pouco a ideia dele de que a Abia também ingressasse num campo mais de reflexão teórica. E eu tinha, por razões pessoais, conhecido o Herbert Daniel durante muitos anos; eu fui casada com o Liszt [Liszt Benjamim] e o Daniel era o principal amigo, companheiro do Liszt. O Herbert Daniel era o assessor principal do mandato do Liszt que era deputado estadual.

¹⁶ Universidade de São Paulo

O Eudes era deputado federal, o Liszt era deputado estadual, nós namorávamos e nós ficamos muito amigos do Herbert Daniel e do Claudio. E o Herbert Daniel ali por aquela ocasião, eu não me lembro exatamente os anos, ele tentou se eleger deputado... O Liszt foi tentar se eleger deputado federal, eu acho, e o Daniel tentou ser deputado estadual ou ainda no mandato do Liszt foi deputado estadual, não me lembro bem, eu sei que o Daniel fez um campanha brilhante na esquerda aqui no Brasil, no Rio, muito importante, onde ele combinou os temas do meio ambiente, da ecologia com os temas da sexualidade. O pessoal chamava o veado verde. Além de veado era verde. E foi uma campanha assim *revolucionária*, digamos assim, era de uma *radicalidade* e tal. Não tinha nada parecido com aquilo. O PT não chegava *aos pés* daquilo, era de uma radicalidade e tal. Aí, ele perdeu essa campanha. Não sei se ele achava que ia ganhar como todos os candidatos acham que vão ganhar, perdeu e perdeu um monte de dinheiro. Ele ficou sem o dinheiro de assessor parlamentar, acho que porque o Liszt também não se elegeu, ficou sem dinheiro, ficou sem nada. E o Daniel era um escritor, acho que ele não tinha nem curso de nada, ele nunca trabalhou. Ele veio do exílio, começou a se virar como escritor, fazia uns trabalhinhos como escritor, além dos livros deles, mas ninguém vive de livros e ele ganhava esse dinheiro como assessor parlamentar, que era um dinheiro razoável. E o Claudio, o companheiro dele, era um desenhista, um artista plástico que fazia também trabalhos para as editoras e tal. Eu sei que então quando eu... Muito timidamente cheguei para o Daniel, falei: “Daniel, olha, gostaria de ter convidar para trabalhar na Abia, mas talvez em caráter voluntário”... Eu achei que para ele era assim uma ofensa, porque para mim o Daniel era uma assumidade. Para mim não, ele era mesmo. Ele era muito amigo do Liszt, nós tínhamos muito o hábito de ir juntos para um sítio em Itaipava, mas achei assim meio... O Daniel trabalhar comigo, fiquei meio assim. Ele disse: “Eu não só aceito e não é trabalho voluntário, o que você puder me pagar eu aceito, porque eu estou precisando muito”. E ele entrou na Abia. Então assim. Essa equipe que eu montei inicialmente que era o Herbert Daniel, a Carmen Dora e o Ranulfo Cardoso Junior, que era um sanitarista, médico sanitarista da Paraíba que tinha muita habilidade de lidar com esses públicos diferentes e tal, foi a equipe inicial, foi essa e mais duas ou três secretárias, um office boy, não sei que e tal, mudou a... Foi com esse dinheiro da Fundação Ford.

L.O. - Só uma coisa, Sílvia, você falando do grupo original, você falou entre os nomes, Carlos Nelson Coutinho...

S.S.- Não, não...

L.O. – Pois é, Carlos Nelson dos Santos.

S.S.- Carlos Nelson dos Santos, o arquiteto.

L.O. - Porque eu olhei...

S.S.- Toda hora faço esse erro.

L.O. - É bom a gente se...

S.S.- Claro, Carlos Nelson dos Santos. Que também tinha as características do... Eu não me lembro nesse grupo aí... Eu não me lembro nesse grupo, se tinha outros com essa característica. Nós estávamos nos anos 80. Nenhum desses caras tinha a sua homossexualidade abertamente... Digamos, descrita em discurso. Nunca o Peter Fry, nessas reuniões, dizia: “ah, eu como homossexual...” ele era representante da Fundação Ford, nem o Carlos Nelson. Mas eu acho que eram os dois... Eu não me lembro já nessa época se... Tinha outro lá, assim, caras mais sêniores que...

L.O. - Você falou Carlos Nelson Coutinho...

S.S.- Você falou: impossível.

L.O. - Poderia ser, mas eu conheci o Carlos Nelson que era da... quer dizer, que era ligado à favela, ligado à militância...

S.S.- A pensar o Rio de Janeiro e tudo.

L.O. - Então assim, tinha mais a ver com o perfil que você estava descrevendo da Abia do que o outro que é mais intelectual assim.

S.S.- Exatamente. Não, e meio intelectual de uma esquerda mais ortodoxa, não é? Uma esquerda mais...

L.O. - É, falava de outro jeito. Mas tudo bem. Eu só corrigi isso para não ficar...

S.S.- Não, claro, é fundamental. E tinha nesse grupo Carlos Nelson dos Santos. E tinha nesse grupo também, as pessoas assim, o próprio Walter Almeida que era um médico, que eu acho que conheceu o Betinho porque se tornou médico do Betinho, que era um virologista, jovem, recém-formado, mas que tinha ido fazer um curso sobre câncer nos Estados Unidos, uma residência ou uma pós-graduação sobre câncer, quando chegou lá descobriu ele próprio que estava com câncer e era um cara muito enturmado com as novidades da ciência, ia nesses congressos internacionais, e tinha a Peggy Pereira e o Hélio Gelli, que eram dois *grandes* virologistas da Fiocruz, eram as figuras mais importantes para a Aids no Brasil. Fora o Vicente Amato Neto, aqueles caras lá de São Paulo, do hospital lá, eles eram da área da pesquisa, a Peggy era uma britânica, uma inglesa, que fazia conexão entre a Fiocruz e não sei que universidade lá na Inglaterra o Hélio Gelli Pereira era um desses cientistas exilados. Era um desses do grupo dos exilados da Fiocruz. Que tinha também voltado, mais ou menos na mesma época que o Betinho tinha voltado, não sei como eles se conheceram, não sei se foi através do negócio dos hemofílicos, que o Betinho era hemofílico...

L.O. - Acho que esse lado da entrada do Betinho, vamos dizer assim, alargava o escopo das associações dentro da Abia, no que parece. Quer dizer, você tinha todo o grupo dos homossexuais lutando. Mas ele com a... Quer dizer, figuras messiânicas são figuras messiânicas. Ao mesmo tempo, sofrendo o impacto da Aids dentro do escopo... Quer dizer, no fundo, porque o estado brasileiro não cuidava dos bancos de sangue, é um impacto enorme, acho que isso também... Estou aqui pensando a respeito desses primeiros...

S.S.- Esse ponto que você está tocando é muito importante. Porque, primeiro, a Aids flagrou um problema de saúde *absurdo* no Brasil que era a qualidade do sangue. Os bancos de sangue eram privados, eram vampiros, os caras de Nova Iguaçu, então assim, aquele cara bêbado, aquele cara embriagado ali da praça quando precisava de alguma coisa que podia ser hoje,

equivalente talvez a R\$25, R\$50, ele entrava lá no banco de sangue e doava e o sangue não era testado para nada, nem para sífilis, nem para hepatite, nem para nada, então era muito comum que as pessoas se contaminassem com doações e tal. No caso do Rio de Janeiro, do Brasil, isso era um panorama geral no Brasil, mas particularmente no Rio de Janeiro essa situação era muito dramática porque tinha uns caras, cujo nome não me recordo, que eram esses chamados vampiros do sangue. Eles tinham vários bancos na Baixada Fluminense e era essa... Era um negócio assim, era o horror. E os hemofílicos não tomam sangue, eles tomam *krill*, não é sangue... Não é um por um, você não doa e doa um, eles tomam um fator constituído do sangue de muitas pessoas. Você pega um monte de doações e tira lá aquele fator e você constitui uma bolsa desse fator oito ou fator sete ou coisa assim. Então eu sei que a possibilidade de contaminação... 100% dos hemofílicos estavam contaminados, 100% dos hemofílicos brasileiros foram contaminados, não teve nenhum que não foi. O que não aconteceu é que as mulheres desses hemofílicos... Um número muito reduzido só foi contaminada. Maria [Ana Maria Ribeiro Coutinho], por exemplo, não foi. Então quando chegou a primeira onda da Aids, do HIV e da Aids, todos os hemofílicos sabiam que estavam contaminados. Sabiam mas assim, tinham que testar um a um, tinha que testar e dizer. Na época não tinham ainda... Você ia testar um estava contaminado, ia testar o outro estava contaminado, depende de quem ia testando na frente que ficava sabendo na frente. O Betinho já sabia que o Henfil e o Chico Mário estavam contaminados, mas o dele não tinha sido testado. Eu estava na Abia no dia, nós já tínhamos alugado a sede nova na Vicente de Souza, nós já tínhamos feito a inauguração da Abia, já com um monte de computadores da primeira casinha da Abia, quando eles vieram pessoalmente o Hélio [Hélio Gelli] e a Peggy [Peggy Pereira], foram eles que fizeram o teste do Betinho. Na época esses testes demoravam muito tempo. Fazia um teste chamado *Elisa*, que fazia rápido e dava... Mas o *Elisa* dava muito falso positivo. E depois fazia um teste chamado *Wertern blot* que era um teste que durava de dez a quinze dias que precisava ficar lá reagindo. Era a confirmação, e aí foi confirmado que o Betinho estava HIV positivo. Essa notícia inclusive foi mantida em sigilo durante muito tempo e foi uma entrevista super... Assim, que na época provocou muito impacto, acho que era no “Caderno B” do *Jornal do Brasil* ainda, que o então Betinho se dizia: “Eu, meus dois irmãos, não sei quê e tal”. Foi a primeira vez. Mas demorou um tempão para ele dizer isso publicamente, tal. Foram esses dois virologistas da Fiocruz que... Eles vieram, por incrível que pareça, eles vieram a morrer, não me lembro se só a Peggy, acho que foi primeiro a Peggy, depois o Hélio, a Peggy morreu num acidente de automóvel. Betinho

ficou assim... Foi um momento *tão duro* para a Abia, porque aquelas coisas da Aids, aquelas pirações, você fala assim: quem está... Você está andando com uma espada em cima da sua cabeça, você não, você não e você não. E de repente, a espada não cai em cima dessa cabeça, cai em cima daquela. Foi assim... Nossa, foi um choque tão grande, o Betinho ficou *tão abalado*. Porque, é incrível, a Peggy, que uma inglesa vinda... O Betinho dizia que ela trouxe o vírus num avião, porque era proibido entrar... Para você fazer os testes aqui, você tinha o antígeno e não tinha... Ela pegou e trouxe no avião! Numa caixinha com... E foi assim que montaram o laboratório da Fiocruz. Então, mas o importante que eu ia dizer dessa coisa, tem a ver com o financiamento, tem a ver com a Ford, o seguinte: A Abia criou-se como “Interdisciplinary IIAF”. A matriz nos Estados Unidos chamava IIAF – “International Interdisciplinary Aids Foundation”. A Abia era um *branch*, tanto que ia chamar Fundação Interdisciplinar de AIDS. O Betinho viu que era impossível criar uma fundação na época. Era a ideia de criar uma fundação. Viu-se que criar uma fundação por causa da legislação na época era impossível. Criou-se uma associação. Por isso que ficou... Por que chama Abia? Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, que era esse *branch* dessa IIAF. Esse IIAF era dirigida por médicos e ela era uma organização voltada, e essa era a missão da Abia, ela era voltada para informação. Só que já com a perspectiva de que a informação não vinha só da área médica, mas vinha 80%, 90% da área médica, porque nessa época havia muita mistificação: peste gay e tal. E a Abia nasceu para militar contra isso e para passar informações *científicas*. *Muito depois* é que a Abia foi se inclinando a lutar contra os preconceitos e tal. A ideia era passar informações científicas. Bem, a parte, vamos dizer assim, gay da Abia, a parte de militância... E o Gapa¹⁷ foi criado na mesma época que era um ativismo gay para proteger as pessoas com Aids. A Abia tinha então um papel de informação, produção de informação, ajudar a sociedade a enfrentar a epidemia com informações rigorosas, científicas e tal e o Gapa tinha uma coisa de ajudar as pessoas com Aids. A Abia nunca teve isso. Quando veio o financiamento do Peter Fry, eu falo para o Betinho que eu vou convidar o Herbert Daniel. O Betinho se assusta e fala assim: “Herbert Daniel!” O Daniel tinha... Apesar de ser mineiro e ter sido da AP, olha que coisa, e chama Herbert que era um nome, até hoje é um nome raro no Brasil, o Betinho ficou... Eles não se conheciam, o Betinho ficou assim: “Sílvia, você tem certeza?”. Porque o Daniel estava com uma marca muito forte da campanha da coisa homossexual. O Betinho, preocupado,

¹⁷ Grupo de Apoio e Prevenção à Aids

não só preocupado com os financiamentos, com o futuro da Abia e tal, com a missão da Abia, mas eu acho, eu acho, isso é só um achismo meu, uma intuição minha, eu acho que tinha ali aquela coisa daquele mineiro, moralista... Ele também bateu um negócio assim: “Você tem certeza?” O Peter Fry foi superimportante, porque o Peter me deu força para isso. Então eu fiz uma montagem... E o Herbert Daniel veio com o pacote completo, veio junto com o Claudio[?]. Era o Herbert que tinha carteira assinada e tudo, mas veio junto com o Claudio, com a empresa de comunicação na qual o Claudio trabalhava, que era maravilhosa, que passou a fazer os folders da Abia e tudo e todo material gráfico. Então, contratar o Herbert Daniel era fazer com que a Abia desse uma guinada numa certa direção. Foi o que salvou a Abia de um caretismo... Pode ser que historicamente isso fosse inevitável depois, no futuro. Mas os próprios... Você vê que a participação, dita gay, no conselho da Abia eram de pessoas que não diziam isso abertamente, que era o Peter e o Carlos Nelson dos Santos. Eles não tinham uma militância gay, a militância gay estava no Gapa, os grupos, o 28 de sei agora.... O Triângulo Rosa, esses grupos todos estavam no Gapa. Inclusive assim, houve muitos momentos que a Abia era acusada assim, havia uma insinuação de que a Abia era muito careta e que a Abia não fazia o trabalho de apoio às pessoas com Aids e tal. Com a contratação do Daniel e a posterior descoberta que o próprio Daniel estava contaminado pelo HIV, que foi muitos anos depois, não foi imediatamente, isso já foi em quase 90, fez com que então a gente resolvesse que o Daniel ia criar um outro grupo, que não era a Abia, que era o Pela Vidda. Que era um People With Aids, um grupo desse tipo de pessoas vivendo com Aids.

H.A. - Interessante, consultorias lá da Ford e mesmo atas das reuniões que vocês participavam com a Joan Dassin, acho que tinha alguns momentos que vocês se reuniam, e que fala justamente desse interesse da Ford em financiar três braços, digamos de preocupação com Aids. A Abia... Até mesmo de ciências sociais, de pensar políticas, pesquisa, o Gapa na atuação mais de ação mesmo nas pessoas infectadas e o Pela Vidda também ali, então assim...

S.S.- Ah, então. Era as três frentes. E você sabe que o Peter resolveu dar de cara, no primeiro ano, financiamento grande, eu não me lembro, acho que era uma coisa assim como U\$50 mil, na época era muito, era muito dinheiro. Era como se o Cesec recebesse hoje, no começo da vida, um financiamento, por exemplo, de uns U\$300 mil ou talvez um pouco mais, por ano. Ele resolveu dar logo esse financiamento, que cobriu um monte de coisa. Fazia com que todos

os nossos financiamentos depois, pudessem ser só para as atividades. E esse foi, diz-se, é uma coisa interessante para vocês pesquisarem, não sei se vocês já pesquisaram isso, foi o primeiro financiamento da Fundação Ford no mundo voltado para a Aids. Por isso que o Peter disse assim: “Sílvia, tem certeza, tem certeza?” Eu me lembro que eu fui discutir várias vezes com ele. Hoje eu não tenho mais a lembrança, porque talvez eu nem tivesse essa consciência na época, eu não tenho muito bem a lembrança do quanto ele influenciou, do quanto ele procurou conduzir o projeto para lá e para cá, mas ele correu um risco danado. Porque o fato dele... Ele era um militante do mundo homossexual, ele não era. Ele era um professor do IFCS¹⁸, famoso já, conhecido, reconhecido e tal, ele era um pesquisador, ele era um antropólogo. E ele era um representante da Ford. Mas o fato de que ele tinha uma passagem, uma vida pessoal ligada ao mundo da homossexualidade e de ele financiar a Abia e de ele procurar que a Ford desse o primeiro financiamento para a Aids, a Aids estando tão ligada ao tema da homossexualidade, tudo isso, acho que foi assim um grande... Não sei bem como ele via isso, mas acho que foi... E depois a Ford se tornou, digamos assim, tradicional no financiamento dessa área.

L.O. - Pode ter um representante com Aids, antes de Peter.

S.S.- Nos Estados Unidos?

L.O. - Aqui.

S.S.- É mesmo?

H.A. - Ele ficou doente bem depois.

L.O. - Bruce Bushey.

S.S.- Ah, é?

L.O. – Foi depois?

¹⁸ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

H.A. – Foi, foi depois. Ele saiu...

S.S.- Quer dizer, ele foi representante antes e soube que estava com Aids depois. Eu não sei se a Ford... Por exemplo, o “British Council”, isso em *off*, viu gente? Só tem conselheiros gays. Parece assim: para ser do conselho britânico, é obrigado assim... Lá no *job description*, ser gay. Não sei se na Ford tinha essa coisa, acho que não tinha, essa tradição.

H.A. - Não.

L.O. - Não. Mas teve essa... Um dos entrevistados nossos comentou como essa situação aqui também influenciou a matriz Nova Iorque, porque também começaram a ter casos na matriz em Nova Iorque.

H.A. - Em Nova Iorque. Isso aí influencia muito.

S.S.- Ah, é...

L.O. - Então a situação objetiva que estava acontecendo levou a essa mudança de política que não era a política deles.

H.A. - Exatamente. Também foi uma luta lá em Nova Iorque para isso se tornar realmente uma política da Ford.

S.S.- E eu tenho impressão que o financiamento para a Abia e como a Abia foi muito bem e passou a dar respostas e cresceu muito e criou credibilidade, tudo isso, por causa do trabalho nosso cotidiano lá, mas também, mas também, em grande medida por causa da credibilidade do Betinho e por causa do papel que o Betinho assumiu... O Betinho não fazia nada na Abia. Às vezes ele pedia: “Por favor, o mínimo que eu puder saber”. O negócio ia sozinho, entende? Mas ele em momentos chave, ele pegava e dava uma entrevista. Eu nunca me esqueço um dia que ele passou lá e falou assim: “Vamos lá para a TV Globo”. Eu: “TV Globo!”. Eu era de esquerda, eu tinha sido da PO, eu era do PT... E o Betinho tinha vindo do exílio. Nosso mundo,

nosso planeta odiava a Globo. Eu não entendia, eu sofri um choque civilizatório, tudo em um dia só. Me tornei gente naquele dia. Ele disse: “Olha, pela Aids, em relação a Aids a gente faz... A gente conversa até com o diabo”. Eu sei que ele foi lá e disse: “Está na hora...”. Falou com o Roberto Marinho. Foi um almoço com o Roberto Marinho. Acho que ele me chamou, não sei porquê. Acho que para que tivesse testemunha. *Foi com o Roberto Marinho*. Ele falou: “Está na hora da TV Globo fazer alguma coisa, vocês vão ficar olhando? O que vocês vão fazer em relação à epidemia de Aids? Está vindo, está vindo forte, uma avalanche, já é uma avalanche, se a Globo não entrar nessa briga, o Brasil vai perder essa briga.” E foram os primeiros filminhos. Os primeiros eram tão... Os primeiros filmes eram tão inibidos, como fala, hesitantes, que eram só com frases, nós optamos por fazer só com frases. E a Abia, justamente, funcionou o que? Para dar subsídios... O que você fala em cinco segundo? “A Aids não é uma doença, é um vírus”, “O vírus pode se manifestar ou não”. Então tinha assim umas lógicas que se utilizava para dar as primeiras informações e *para quebrar* com as informações preconceituosas, que qualquer um pode ter Aids, quer dizer, era a ideia que a gente vinculava e tal. Valia até a pena pegar... Enfim, mas acho que a Abia já faz isso nos seus históricos e tudo. Então é isso, eu acho que a Ford teve um papel crucial nessa coisa do Brasil. Não sei quando a Ford começa a financiar os Gapas.

H.A. - Acho que um pouco depois.

S.S.- Um pouco depois, não é? Acho que a Abia foi esse primeiro financiamento e tinha essa cara, a Abia tinha que ter tido essa cara assim, digamos, uma cara muito estranha para ser uma... Na época era o início da criação do mundo das ONGs. Era anos 80 estava explodindo o mundo das ONGs. Você tinha grandes “ongonas”, que era Ibase, Inesc¹⁹, Inesc sim, mas é em Brasília, Idac²⁰ e Iser²¹, que era Rubem César, aquele cara marido da Rosiska e o Betinho, criando as três grandes primeiras e depois começou a surgir essas ONGs de meio ambiente, várias, de mulheres, várias, da questão racial, várias... E da Aids começou. Quer dizer, a Aids também, as chamadas respostas brasileiras também se deram nesse campo e o Betinho tinha *muito*, eu

¹⁹Instituto de Estudos Socioeconômicos

²⁰ Instituto de Ação Cultural

²¹ Instituto de Estudos da Religião

acho, essa clareza e ele passou logo isso para a Abia e a Abia passou a ser uma organização militante nisso, acho que nós incorporamos isso *claramente*, todo mundo da Abia, não havia diferença, não tinha que calibrar posição, a ideia era a seguinte: era uma organização não governamental que atuava no âmbito da sociedade para exigir das políticas públicas respostas científicas, breves, organizadas, fortes, mas ao mesmo tempo sem preconceitos e também a gente fazia nosso papel. A gente estimulava, por exemplo, empresas a fazerem campanhas têm várias campanhas aí, na Marinha Mercante, na construção civil. Então, por exemplo, o pessoal da construção civil começou a perceber que tinha vários operários com Aids na construção civil. Era ainda naquele período em que os operários da construção civil moravam nos canteiros de obras. Então você tinha ali... Era uma epidemia, começa, era rápido, não é? E a Marinha Mercante também, aqueles caras todos embarcados, não é, um monte de machões, mas seis meses embarcados... Quando começava tinha um caso, tinha dois, tinha três, então começou aquele pânico nas empresas, eles vinham para onde? Não para a secretaria, a secretaria do ministério mal conseguia dar conta de controlar os bancos de sangue, eles iam para a Abia e a gente ensinava como fazer. A gente tinha as matrizes e eles mesmos faziam, eles mesmos imprimiam os materiais e tal. Então já era, era uma, já era uma operação *super sofisticada* de intervenção de sociedade civil e organização não governamental, já era um negócio super sofisticado. A gente fazia pressão no governo para o governo dar respostas, mas que a gente tinha um papel também na sociedade civil, junto a TV Globo, junto aos meios de comunicação, junto a essas empresas, escolas.

H.A. - Mas e com o governo, como era o diálogo no começo, como era essa pressão no começo?

S.S.- O Álvaro Matida era o secretário. Esse caras todos... Essa era a época do sanitarismo, da luta dos sanitaristas. Então isso aí era a transição da ditadura. Foi o momento em que a reforma sanitária tomou os governos. O PCB²², *PCzão*, esses caras todos vinham do PC²³ e o Hésio [Hésio Cordeiro] era o secretário estadual, você vê, o Hésio Cordeiro que era o ícone da luta pela saúde pública. O Brasil em 88 teve a Constituição de 88, declarou a saúde pública como pública, universal etc e gratuita. Então eles estavam ocupando todas as secretarias do estado e

²² Partido Comunista Brasileiro

²³ Partido Comunista

do município e do ministério. O ministério um pouco menos, mas também tinha lá nos escalões, nos segundos e terceiros postos. Então era uma relação delicada porque a gente dava porrada na secretaria de saúde porque a vigilância sanitária não fechava os bancos de sangue, mas o Álvaro Matida era do nosso conselho. E ele falava: “Deem porrada mesmo, porque só assim a gente funciona lá dentro”. Acho que era ainda Chagas Freitas, não me lembro se era Chagas no primeiro mandato da secretaria aqui do estado. Me lembro que aquele Oscar Berro, que é um cara que era um garotão, um cara lindo, parecia o *super man*, usava aqueles óculos assim, parecia o Clark Kent, ele ia pessoalmente fechar os bancos de sangue. Ele ligava para nós, a nossa assessoria de comunicação, que a gente tinha contato com tudo que era imprensa porque o Betinho era essa capacidade, a gente ligava: “olha, vai cobrir lá naquele banco de sangue, ali em São João do Meriti que o Oscar Berro...”. Chegava o Oscar Berro e tal, fazia um monte de ações exemplares. Também tinha muito essa ideia de ações exemplares. Dialogava com a sociedade, fazendo, às vezes, pequenas coisas, que é uma lógica das ONGs, não é? Você não pode mudar todas as políticas, mas você... Então cada vez que fazia: “plá”, abria geladeira tudo com sangue, aquelas bolsas de sangue, tudo mal condicionado na geladeira que não tinha... Passava barata por dentro da geladeira, aquelas coisas, os caras filmavam, aí os bancos de sangue recuavam, recuavam, recuavam. Finalmente houve uma campanha nacional, mudou-se a legislação de banco de sangue no Brasil, primeiro no Congresso Nacional, Sarney foi muito importante nisso, por isso que o Sarney se autointitula um dos caras ligados a Aids, não é? Sarney foi muito importante nisso, mudou-se a legislação nacional... Em uma década não tinha mais banco de sangue privado, ilegal no Brasil.

H.A. - Caramba! Essa coisa que você estava falando em termos nacionais, porque você deu exemplos aqui locais, imagino que essa coisa da construção civil, marinha fosse assim também em outros estados. Mas como vocês lidavam com essa dimensão nacional, essa dificuldade também de entender como estava nas outras regiões, enfim? Por exemplo, vocês tinham parcerias com universidades?

S.S.- A Abia tinha esse dilema, que as ONGs têm: você é nacional ou local? Então a gente fez uma opção... Por exemplo, assim, depois começamos a trabalhar com o pessoal da TV Cultura, algumas coisas que se fazia, campanhas, se veiculava em programas de televisão nacional, mas era muito difícil responder a uma empresa... O que a gente fazia era a gente mandava os

exemplos. Outra intervenção nacional importante era em relação ao Programa Nacional de Aids. Uma das coisas mais fortes que a gente fez foi, a primeira grande campanha de Aids brasileira era: “Quem vê cara, não vê Aids”. Que era a antítese de tudo que nós acreditávamos, que era uma campanha que, segundo a Abia achava, nós achávamos, era uma campanha que estimulava o preconceito. Mostrava uma moça muito bonita, como se fosse uma prostituta, uma mulher muito linda e um cara ficando embasbacado com ela. Era uma prostituta, e daí dizia: quem vê cara, não vê Aids. Tipo assim, por trás dessa carinha linda pode ter uma pessoa contaminada e tal. Era a antítese de tudo que a Abia pregava, fazia, tal. Nós estabelecemos... Foi um bombardeio tão grande que eles tiraram a campanha e passaram a fazer em anos... Não ainda no segundo ano, nem no outro, mas depois de um tempo, cada vez que o ministério vinculava uma campanha por ano, sempre no carnaval. Esse ano agora que deixou de fazer isso. Era o símbolo daquele ano. Depois de uns anos a Abia era consultada em cada... Aí a gente já tinha publicitário... A Abia e outras organizações eram consultadas em cada campanha. Então assim, a Abia tinha uma participação nacional muito grande em relação às políticas de Aids. Depois, o que aconteceu também foi que o *grande* financiamento do Banco Mundial, que o Banco Mundial deu ao governo brasileiro, era um financiamento que o Banco Mundial nessa ocasião já utilizava, que era uma coisa típica dos anos 90, já utilizava a seguinte coisa: “A gente só financia países que trabalham com organizações não governamentais”. Então era contrapartida do Banco Mundial, exigia que o governo brasileiro trabalhasse com organizações não governamentais. Houve uma *proliferação*... Já tinha havido essas ondas de proliferação. Não sei se vocês se lembram, nessa época tinha havido aquela proliferação de ONGs de meninos de rua. Que o próprio Betinho tomou uma decisão...

L.O. - Até o Betinho contar.

S.S.- É, até o Betinho contou quantos meninos de rua, tinha 300, sei lá quantos, e tinha 500 ONGs e tal, não é? Porque criava assim, “os meninos de rua... Eram milhões, eram milhões, eram milhões”, houve uma proliferação também... Mas aí baseada na necessidade que o país tinha, nessa capilarização, quer dizer: Quem faz campanha com os meninos de rua e com as travestis do Piauí? Não é o ministério, nem a secretaria, nem a Abia, é uma ONG local. Porque o Banco Mundial tinha muito essa noção de que os governos não chegam aonde a sociedade civil chega e tal. Era uma mistura de coisas, o Banco Mundial, tinha também a coisa Bresser,

que é uma coisa que o estado não pode tudo, era de redução do estado e tal. Mas no caso da Aids isso foi uma política mundial, do mundo inteiro tal. Tanto que tinha aquele grande congresso mundial de Aids que tinha todos os anos, o Congresso de Aids Solidarity passou a ser um congresso paralelo, ficou tão grande quanto o congresso médico, e depois ficou até maior. Isso foi um fenômeno mundial para responder a Aids. Quando você tem financiamento... A secretaria de saúde do Piauí só recebia as verbas... O Piauí só recebia as verbas para ter os kits de Aids se uma parte das verbas fossem dadas para as organizações não governamentais locais para fazerem campanhas e para falarem e fazerem folders, tudo, fazerem campanhas com esses grupos locais onde os governos não chegam. Então aí houve uma... Então aí a Abia liderou durante muitos anos, também com o financiamento da Ford, esses encontros nacionais de organizações não governamentais e tal, a gente utilizava a “expertise”... vou dar um exemplo. Me lembro que o Paulo Bahia, não, esqueci o sobrenome dele, é um poeta, gay, ele é fundador do Gapa aqui no Rio, um dia ele foi lá... Ele já tinha ouvido falar em fax, mas não tinha nunca visto fax. Entende, era assim, havia essa coisa. E a Abia tinha vários fax, já tinha conexão da internet, já tinha... ainda não tinha nesse instante criado a primeira grande rede que era a internet, mas tinha uns *gates* que a gente conversava com o Canadá, tudo por email, eu já tinha meu login, que foi um dos primeiros logins do... Depois virou Alternex, antes era *ax.apc.org*, depois Alternex, era: sramos. Eu já tinha meu login sramos. E o Paulo Bahia chegou lá um dia na Abia, cheio de fax e a gente começou a mostrar, mas tinha chovido e caia tudo água nos fax, então a gente recortou e pendurou as folhas de fax num varal. E depois o Paulo foi dizer numa dessas entrevista que ele sabia que o fax chegava todo molhado [risos], que ele achou que o fax chegava molhado, porque era o primeiro fax que ele estava vendo. Então a Abia tinha um distanciamento em relação... Isso eu estou falando dos Gapas, não estou nem falando daquele grupinho lá do Rio Grande do Sul e tal. E a Ford foi muito importante nisso tudo. Depois eu saí da Abia em 91, não sei por quanto tempo ainda a Ford... Depois teve assim, aquela primeira grande crise de financiamento dos anos 90 com o Collor [Fernando Collor de Mello], com o negócio do dólar, depois teve uma segunda grande crise, essa de 91 que eu saí, saí numa dessas crises de financiamento lá, houve uma desavença...

L.O. - Eu ia te perguntar como é que, porquê... Quer dizer, esse projeto fantástico de uma vitalidade, de um desenvolvimento, como você sai disso em 91?

S.S.- Eu já estava sentindo um certo esgotamento. Essa coisa da Aids ela era uma militância 24 horas por dia. Meus amigos... Tudo na minha vida era isso. E eu achava já... Quando nós fazíamos esses encontros nacionais, eu achava que estava havendo uma repetição que era hora de renovar as pessoas. Eu já estava achando isso, pra mim, pessoalmente. Eu estava querendo de uma certa forma retomar o doutorado, não sabia bem como e tudo. Eu sentia que havia um esgotamento. Mas aí houve uma crise interna, financeira, que eu nem sei muito bem dizer o que era, eu estava viajando, eu estava no Canadá e quando voltei tinha havido uma crise, tinha havido uma reunião do conselho, eles teriam demitido o Walter Almeida, houve várias coisas, eu peguei e resolvi pedir demissão, quando eu pedi demissão o Betinho... Fui lá com o Betinho e falei: “Olha, Betinho, aconteceu isso, isso”... Ele: “Mas porque você nunca me disse isso?” Eu disse: “Porque você pediu para não ser incomodado”. Quer dizer, aí a Abia já tinha saído da Vicente de Souza, tinha ido para uma grande casa, uma mega casa na Lopes Quintas, que eu mesma aluguei, foi um negócio maravilhoso, eu resolvi mudar para um apartamento ali na Rua Perí, do lado da Abia. Então eu ficava lá 24 horas por dia, era minha casa ali do lado. Então houve uma crise. Tinha um problema financeiro ali que eu... O Herbert Daniel chamou, eu tendo aceito, para organizar a Abia, o Cesar Bess, que era uma espécie compadre dele, pessoa de quem eu não gostei e eu tinha também dúvidas financeiras sobre aquilo ali. Ele estava fazendo uma gestão financeira fora dos moldes que eu faria, e era feita sob a minha supervisão, mas também minha supervisão, na minha gestão financeira era assim, nadando em dinheiro. Eu também não tinha capacidade de fazer... O que você faz com uma gestão financeira quando você não tem financiamento, você tem dinheiro, quer enxugar custos e tal? Eu tinha formação em ciências sociais então eu não tinha... Não era nem eu que fazia isso, eu chamava um contador. Ele chamou esse cara e eu comecei a discordar do que foi feito. Então também houve vários problemas assim, mas se juntou com um momento que eu já achava que eu já tinha, quatro, cinco ou seis anos ali de Aids, então eu achava que está bom.

H.A. - Sílvia, só para esses documentos que a gente consultou, que são consultorias sobre essa área e essas atas de reunião, seria interessante. Você se lembra dessas reuniões que a Ford promovia que reunia alguns especialistas? Você estava constando na ata, com a Joan [Joan Dassin]...

S.S.- Joan?

H.A – Dassin.

S.S. - Ah, sim. Mas eram na Ford ou eram na...?

H.A. - Não sei exatamente onde eram.

S.S.- Ou eram umas reuniões tipo seminários?

H.A. - Pelo que parece, pela descrição e por ter ata, me pareceu reuniões mesmo, que todo mundo falava.

S.S.- Eu não me lembro. Quando eu saí, eu saí então nessa crise. Quem me chamou para conversar... Eu fui conversar com o Richard Parker. O Richard [Richard Parker] tinha chegado para fazer pesquisa no Rio de Janeiro. Aí eu acho que ele fez uma consultoria para a Ford sobre a Abia. Mas ele se aproximou muito da Abia, acho que ele acabou sendo do conselho da Abia. Quando eu saí eu fui conversar com o Richard lá na Fundação Ford e passei um monte de coisa para ele, passei tudo que eu achava, que eu sabia, minhas desconfianças em relação ao César [César Bess], tudo que havia e me desliguei totalmente. Então, eu me lembro dessa Joan Dassin, mas não me lembro de fazer... É possível que... Eu teria que puxar um pouco... Se você disser, por exemplo, os temas que a gente tratava...

H.A. - Eu não trouxe, pena.

S.S.- Mas já eram com o Richard?

H.A. - Eu acho que o Richard estava presente, sim. Tinha umas dez pessoas participando. Tem o relato de umas três reuniões, nessa época, final dos anos 80.

S.S.- Era para reorganizar o financiamento?

H.A. - E aí não era uma conversa com a Abia, eram conversas sobre Aids. Então tinha pessoal de Gapas também, se não me engano. O que eu lembro de interessante dessas consultorias lidas, era identificado que tinha um problema de comunicação entre as organizações, não é? Um clássico, não é?

S.S.- Ah... Uma briga. Não, mas na área da Aids... Era uma briga, essas reuniões nacionais era um negócio fraticida, por que... E a Abia, por um lado, estava pouco acima disso porque tinha financiamento próprio, tal, mas era muito acusada de ser o primo rico, sabe? Era isso, basicamente. Porque era, realmente, era desleal o que a Abia fazia, a Abia fazia um projeto, já mandava por fax em inglês, Walter Almeida escrevia em inglês, falava com o financiador, tal. Então numa hora que acaba os financiamentos, era uma coisa fraticida, era uma...

H.A. - E mesmo com a morte do Betinho isso continuou muito forte.

S.S.- Olha, o Betinho já não estava mais nesse período das ONGs Aids. A pessoa que muito coordenou isso, eu acompanhei isso, foi a Jane Galvão. Ela tem até um livro sobre isso, ela escreveu sobre isso e tudo. Eu peguei os primeiros encontros, mas era um negócio... E tinha também um outro dilema aí, era o que fazer com os grupos gays. O GGB²⁴ fazia muito ruído, porque o GGB... Os grupos gays tinham assumido uma posição muito estranha no Brasil. No início da epidemia eles disseram: “Nós não temos nada a ver com isso. Porque estão dizendo que é peste gay, se nós assumirmos alguma coisa nessa área, vão dizer: viu, os gays...?” Eles tiveram uma posição de denegação num primeiro momento. E o Herbert Daniel que era um militante no movimento homossexual brigou muito com eles por isso. Porque eles achavam que era a atitude mais revolucionária no mundo gay. E o Daniel dizia: “Não”. E o mundo, por exemplo, a resposta a Aids de Nova York e São Francisco, que foram muito importantes para balizar o que aconteceu depois no mundo inteiro, eram, digamos, capitaneadas, eram lideradas pelos grupos gays. E os grupos gays do Brasil ficaram aqui na retaguarda. A invenção do *safer sex*, é uma invenção dos grupos gays. O *safer sex* salvou a humanidade. Porque a área médica chegou a seguinte conclusão: “esse vírus se transmite como? Por relações sexuais. Como você faz para interromper a transmissão?”. Era um vírus mortal. Uma pessoa que tivesse um contato

²⁴ Grupo Gay da Bahia

com ele morreria e, essa pessoa transmitiria para todas as outras com quem ela se relacionasse. O que você faz? Então assim, estava colocado um cenário antisexo. O cenário antisexo foi colocado para o planeta, para o mundo, para a área médica. Os médicos que eram os mais progressistas, os virologistas, o Montagni, tal, estavam numa encruzilhada. E claro que os setores conservadores quase disseram: “Viu, depois da revolução sexual, o que vocês queriam?” Então, o mundo, as organizações gays de Nova Iorque e de São Francisco e também de Paris, mas mais de Nova Iorque e São Francisco inventaram um negócio chamado *safer sex*, que é um conceito. Convencer os médicos. Então, começaram a falar de *safer sex* dentro dos seminários médicos, falavam de AZT, não sei o que, e *safer sex* e depois começaram a contaminar as políticas públicas dos órgãos governamentais. Convenceu-se de que para tratar essa epidemia de Aids, não se podia fazer, que era errado e ineficiente, ineficaz, você dizer: “Não transe”. A ideia é “Transe...”. O cartaz era: “Transe numa boa”. Não era: “Não transe”. Era: “Transe numa boa”, que era até aquele artista plástico de São Paulo que fez para o Gapa em São Paulo, que era uma organização muito forte Gapa São Paulo, onde os médicos também participavam. São Paulo não tinha Abia, então. Era: “Transe numa boa”, que foi uma mudança, uma rotação leve que mudou a história da Aids. Porque se não fosse esses grupos gays que dissessem: não, o conceito não é não transe, não sexo. O conceito é sexo seguro. Então, isso foi. A gente dizia para os grupos aqui, mas eram uns três, quatro gatos pingados, os grupos homossexuais: “Gente, vocês têm que fazer alguma coisa.” E também para os grupos feministas. Eu me lembro que eu fui a Recife convencer... A Sonia Correia dizia: “Gente, as mulheres têm que entrar na luta contra a Aids. O que vocês estão esperando? Entende, isso é uma coisa de vocês, do feminismo. O feminismo tem um papel nisso.” Houve muita hesitação. O movimento negro então, nem se fale. Dos movimentos sociais tradicionais havia uma hesitação. Quando esses grupos entram, entram também numa situação de ruído nessa guerra fratricida já que havia de disputas por financiamentos e tal. Então eu acho que a Ford, que acho que financiava esses encontros, pelo menos na parte que dizia respeito à Abia, a Abia era financiada pela Ford. Acredito que ela estivesse muito preocupada, porque era um pouco dessa resposta nacional.

[FIM DO ARQUIVO I]

H.A. - Então, a gente queria saber das relações internacionais da Abia²⁵, digamos assim, com o IAF²⁶, mesmo com a Ford²⁷ de Nova Iorque. Se vocês tinham diálogo com outros países, como eles estavam lidando.

S.S. - Logo depois do financiamento da Ford, a gente recebeu um financiamento muito grande do IAF, como é... Aquele órgão financiador do Congresso Americano, que financiou muita coisa no Brasil, inclusive, tipo assim, planejamento familiar. As feministas acusavam eles de terem financiado esterilização e tal. É Inter-American... Não sei. Era IAF, Inter-American Foundation, foi um financiamento grande também, esse veio direto por causa do Betinho, era o Gary não sei que que era o representante no Brasil, ele sentou lá, falou para mim: “Senta aí, vou te ensinar a fazer um projeto para a IAF”. Sentou e fez praticamente comigo o projeto assim, um projeto grande. “Nós queremos apoiar vocês, queremos apoiar a Abia”. Então foi outro financiamento grande e tudo. A Abia tinha muitas relações internacionais. A vinda da Aids internacional era muito forte porque nesses congressos... Aids era uma epidemia, uma pandemia. Então assim, ela fez com que a gente conhecesse o conceito de global e globalização, não é? Estou te falando que no início da Abia não existia fax, depois foi as redes de comunicação remota, depois chegou ainda a internet, foi tudo junto, o vírus chegou junto com tudo isso. E com a possibilidade de conexão e tal. O que viu-se é que a Abia se tornou mais importante no Brasil que a IAF se tornou nos Estados Unidos. A IAF logo deixou de ser uma referência. Não sei mais o que aconteceu com eles. Ela era justamente... Acho que ela não fez essa guinada. Ela se tornou muito médica. Eu me lembro que a gente ia nesses congressos internacionais, tinha que procurar lá o representante. A Abia acontecia lá e tinha que procurar, era um representante, um cara todo tímido e tal e tal. Então a gente começou com interlocuções muito neste campo. O Walter Almeida fazia as interlocuções médicas, com revistas internacionais, com os grandes e a gente começou com interlocuções com as organizações não governamentais. Tinha um grupo muito forte chamado Act UP do qual a gente tinha muitas ideias pra fazer, ou manifestações ou organizações e tal, e tinha a OMS²⁸. A OMS criou... A

²⁵ Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

²⁶ Inter-American Foundation

²⁷ Fundação Ford

²⁸ Organização Mundial da Saúde

WHO criou uma presença muito forte e criou uma presença muito forte no mundo, muito positiva, que era as respostas globais a Aids. Era aquele Richard, esqueci o nome, que também morreu em um acidente aéreo, por incrível que pareça. Era um cara que eu amava, eu olhava para ele, eu era apaixonada por ele, ele parecia um artista de cinema, era um cara assim, era o representante mundial da OMS. Ficou muito próximo do Richard Parker. Então a OMS era muito forte. Por exemplo, quando a gente estava nessas organizações, esses encontros mundiais, a gente pegava a Lair Guerra que era representante do Brasil, pegava esses caras da OMS e pressionava a Lair, ficávamos nós, o *Act UP* e nossos aliados, para que o Brasil assumisse uma posição mais progressista de resposta da Aids, mas a gente pressionava ela, enlatava ela, pelo outro lado com o próprio Richard, não é Dreyfuss, esqueci o nome, esse cara da OMS. Então a gente fazia conexões... E, de fato, o Brasil hoje, passou a ter depois, uma das políticas mais progressistas, por várias razões, mas o papel da Abia e de outras organizações não governamentais foi muito importante. Também teve uma legislação progressista, essa coisa do Congresso se manifestou. Teria que fazer uma análise que hoje eu não tenho mais os elementos, teve muitas coisas. Mas as organizações não governamentais tiveram um papel fundamental. Então, havia uma... Os governos federais, aqueles que hesitavam... Depois teve aquele ministro, aquele da bicicleta, aqueles ministros, mais ou menos, sabe aquele negócio? O ministro não importa tanto, o Programa Nacional de Aids criou uma vida própria, digamos assim, com um estilo próprio. Os financiamentos do Banco Mundial foram muito importantes também, inundaram o mundo da Aids com o mundo da sociedade civil, de ONGS e tal. Claro que teve coisas muito ruins também, você teve essa criação desse monte de ONGs evangélicas, oportunistas, só porque tinha aquele dinheirinho lá, mas também tinha coisas importantes, não era uma área toda chapa branca. E depois começou a ter, tardiamente, mas muito importante, aquilo que o feminismo já tinha tido, que tinha muito no campo do feminismo. Aqueles vasos comunicantes entre organizações não governamentais e governo. Então o cara era da Abia... Veriano foi trabalhar no governo federal no Programa Nacional de Aids, depois saía do Programa Nacional de Aids e voltava para a Abia. O Richard foi um consultor, a Jane Galvão saiu da Abia e foi para o Programa Nacional e tal. Coisa que na época, nos anos 80, não existia. Nos anos 80 você tinha assim: não, você é governo, eu sou não-governamental. Inclusive o Bresser Pereira dizia isso, que este nome, não- governamental foi um equívoco, foi um equívoco brasileiro, que não-*governamental* significava público, governamental era não estatal. Tanto que ele cria depois as OSs, as Organizações Sociais, as Organizações Públicas,

as (OSCIPs), no governo dele. Ele acha que no Brasil fez-se um tradução errada de não-*governamental*. Que seria não-estatal, não é não-pública. Porque tinha assim, público, porém não estatal. Então o Ibase²⁹ começou a criar essa ideia de que o Ibase... Ele era público, o interesse era público. As Oscips são organizações da área de interesse público, que é o novo nome para ONGs. Mas nós levávamos esse negócio ao pé da letra. Todo mundo vinha de esquerda, da esquerda revolucionária, nós éramos antigovernamentais. Eu, no meu período da Abia era antigovernamental. Tanto que depois que eu saí da Abia, eu lia no jornal: “Hum, esse pessoal...”. Eu tinha um pouco essa impressão, sabe? “Hum, esse pessoal está passando muito... está muito chapa branca”. [risos].

H.A. - Lado negro da força.

S.S. - É, sabe assim? Ai... Eu tinha ainda essas reações que era uma coisa da minha geração, de ser anti, antigovernamental. Mas eu acho que o Programa Nacional de Aids brasileiro é bom em grande medida por causa disso, não exclusivamente, mas em boa medida.

L.O. - Depois você sai e vai... Quer dizer, considerando que de alguma forma o seu tempo desse envolvimento todo já tinha sido suficiente e aí você vai para o Cesec³⁰ ou subsecretária de segurança com... Aí já estamos mais tarde, com o Luiz Eduardo [?]....?

H.A. - Como foi essa transição?

S.S. – Aí eu saí da Abia, tentei um financiamento da MacArthur³¹ que eram uns financiamentos que tinham também acho um pouco ligado à Ford, era uma bolsa MacArthur, depois a MacArthur sai do Brasil, era uma bolsa que você ganhava bolsas para fazer o seu projeto pessoal. E eu ainda tinha um projeto pessoal de fazer pesquisa sobre Aids, meio independente, passei uma ano atrás dessa bolsa, não consegui, acabei indo trabalhar na Faperj³² com o

²⁹ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

³⁰ Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

³¹ The MacArthur Foundation

³² Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fernando Peregrino. Aí já era o governo Brizola [Leonel Brizola], era um novo ambiente e tal, pela primeira vez eu fui trabalhar numa coisa ligada ao governo, mas era Faperj, o Fernando Peregrino é que era o presidente da Faperj, eu tinha uma grande amiga que é Rosa Cardoso, que era amiga dele, meio brizolista e tal, eu fiquei sem opções, não consegui voltar para meu doutorado, porque também aí meu doutorado era sobre Aids, eu já tinha me desligado desse assunto, não consegui essa bolsa da MacArthur que me daria mais um ou dois anos ainda de vida neste tema, fora da Abia, mas nesse tema, e eu entendi eu tinha realmente que fazer transição do tema, fazer esse luto, e fui trabalhar na Faperj fazendo várias coisas. Mas, basicamente, nessas áreas de debates urbanos. As duas coisas interessantes que eu fiz lá foi: eu coordenei um seminário chamado *Parados no baile entre o funk e o preconceito*, que era daquelas ondas de baile funk, que o próprio Nilo Batista que na época... O Brizola tinha saído para se candidatar e o Nilo [Nilo Batista] virou... Aquele momento desastroso do Rio, que o Nilo Batista foi o governador. Ele mesmo mandou fechar os bailes funks e a gente fez um seminário chamando o Hermano Viana, um monte de gente. Faperj era desse lado progressista do governo, e depois fiz um seminário chamado *Mídia e Violência*. Porque nós fizemos esse seminário? Porque o Brizola era fanático, obcecado com essa ideia de que não tinha violência no Rio, que tinha exagero da mídia. Vocês se lembram disso, Lucia [Lucia Lippi]. Lembra, não é?

L.O. - É.

S.S. - Era a hipótese dele. E os assessores dele nessa área era aquela Marta Alencar, mulher do Carvana, era um pessoal de um brizolismo também... De uma esquerda antiga, brizolista, que não compreendiam as dinâmicas da segurança pública, o que estava acontecendo no campo, e o Brizola achava que só tinha violência no Rio porque a TV Globo mostrava violência no Rio. Então, realmente, e a TV Globo mostrava mesmo. Mostrava antes da eleição, aquela coisa de mostrar aquelas ondas da coisa dos arrastões, via tudo aquilo. Mas o Brizola achava que aquilo era uma invenção. E ele então encomenda para a Faperj um seminário chamado *Mídia e Violência*. E eu que coordenei esse seminário, junto com o Fernando Pelegrino. Só que eu que não tinha nenhuma posição clara sobre isso, mas acho que eu já tinha uma certa intuição. Tinha, pelo menos assim, eu já tinha feito meu doutorado na... Eu tinha mestrado, tinha feito meu

doutorado no Iuperj³³, eu não estava num mundo acadêmico, nem científico, nunca fui e nem me sinto exatamente desse mundo, quer dizer, não estava no mundo dos *scholars*, mas eu tinha um pingão de rigor e via também que aquilo tinha muito de ideológico. Então a gente montou um seminário que tinha desde o coronel Carlos Magno de Nazaré Cerqueira e tudo. Era aberto pelo Brizola, pelo Cibiles Viana, pelo Darcy Ribeiro e tudo, não é? Mas também, aspas, a gente começou a encomendar de alguns grupos... Chamamos Jean Pierre Jeudy, chamamos o Nilo, o pessoal do Nilo, Anita Loliar de Castro, o pessoal da criminologia crítica, que é esse pessoal, que hoje até dentro do campo da criminalidade, dos debates que a gente chama de segurança pública e cidadania, eu me coloco em oposição a eles, que é esse campo do Wacquant [Loic Wacquant], Foucault [Michel Foucault], que acha que tudo são classes perigosas, quer dizer assim, pensando sempre neles, neles e nos outros e tal, hoje acho que tem um certo exagero nisso aí, mas tinha esse grupo que era um grupo, de qualquer forma, crítico, Lolita Aniyar de Castro, e tal, e chamamos também o grupo do Luiz Eduardo que estava no Iser³⁴, nas primeiras pesquisas sobre violência, antes até da criação do Viva Rio, isso. O Iser criou um núcleo... O Rubem César [Rubem César Fernandes] já tinha criado um grupo no Iser de *pesquisa* sobre violência. A gente não chegou a chamar, por exemplo, a Alba, que já seria uma pessoa, que não sei se nessa época, não me lembro porque a gente não chamou. Mas assim, tinha pouca gente neste campo, a gente chamou um grupo do Luiz Eduardo. Veio o Luiz Eduardo [?], Bárbara [?], Leonarda [?], foi quando eu os conheci, nesse primeiro seminário.

H.A. - Foi quando?

S.S. - Esse seminário foi em 94, eu acho. 93 ou 94. Acho que o seminário foi 93, o livro é de 94. E fizemos esse seminário, foi aí que eu conheci o núcleo do Luiz Eduardo, da Bárbara, comecei a manter com eles relações de amizade e tal. De vez em quando eles me convidavam para fazer consultoria em uma pesquisa. Eu continuei ainda na Faperj coordenando uma coisa que se chama *Convênio Fiocruz Faperj*. O jeito da Faperj me pagar, eu recebia uma bolsa da Faperj, paga pela Fiocruz³⁵, coordenando um convênio lá. Foi um período na minha vida assim

³³ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

³⁴ Instituto de Estudos da Religião

³⁵ Fundação Oswaldo Cruz

de muita experiência com essa coisa de projeto. Não foi muito bom pessoalmente, mas acabei tendo uma experiência que hoje... Acabei de participar da banca de seleção do projeto Prêmio IPP-Rio, onde eu tive que ler 40 projetos, 40 dissertações. Só que nessa época eram projetos, agora tem 25, 30 páginas. Eu li 40 dissertações e teses. A banca foi coordenada pela Maria Alice Resende. Mas eu pensei: “Nossa, eu passei anos fazendo isso, recebendo projeto e avaliando e tal e coordenando esse convênio”. Até que 98 o Luiz Eduardo me convidou para fazer parte da equipe dele porque o Garotinho [Anthony Garotinho] tinha encomendado umas pesquisas para a campanha. E o Luiz Eduardo montou uma equipe grande com um monte de gente. E ele me chamou para fazer parte dessa equipe. Garotinho ganha eleição, convida o Luiz Eduardo para ser o subsecretário, não teve coragem de convidar para ser o secretário e essa história está toda contada mil vezes, em livros, *Casaco do general* e outros lugares e aí o Luiz Eduardo então, quando o Garotinho o convida para ser subsecretário, ele aceita e me convida para ser subsecretaria de não sei o que, tinha um monte de nome, porque ele era subsecretário de segurança, cidadania e direitos... Aqueles nomes... Aí ele me convidou para ser subsecretária não sei de que, a Bárbara foi ser a subsecretária na área de negócio de mulheres e eu numa área que não me lembro o nome, mas acabei lidando com os temas da diversidade, era o movimento homossexual, movimento negro, meio ambiente, os ambientalistas, criança e adolescente, eram todos esses... Eu criei esse conceito de que tinha as chamadas “vulnerabilidades”. Quer dizer, você tem demandas específicas por segurança pública, você tem, digamos assim, formatos específicos de violência e de vitimização, tanto de violência como vitimização, e você tem demandas específicas para o campo da segurança pública para cada um desses segmentos. Então, começamos logo pelo pessoal dos grupos homossexuais. Criamos o DDH, o Disque-Defesa Homossexual que era uma espécie de vedete da política lá, do grupo do Luiz Eduardo, lá do nosso grupo, porque era coisa que chamava atenção. Mais até do que o negócio das mulheres que pegava muito mais gente, que era um assunto já... Já tinha as delegacias das mulheres, já era um assunto digamos...

L.O. – Incorporado pelo Estado.

S.S. - Incorporado. Os outros assuntos não incorporados acabaram sendo mais... tiveram mais visibilidade. Criamos lá o DDH, que eu disse, o Disque-Defesa Homossexual. Eu utilizei muito a minha experiência da Abia, chamei Veriano e outros, pra pensar isso: como a gente poderia

criar um modelo de intervenção pública que incorporasse, que contasse, pelo *lado de dentro*, com os movimentos sociais e as ONGs. Minha experiência em relação de tudo que eu tive na Abia e o que eu tinha pensado foi *superimportante* nessa época. Tinha uma coisa assim, eu me lembrava daquelas reuniões que... Eu me lembrava o seguinte, que a gente entrava na secretaria de saúde, entrava os anos 80, nos anos 80, a gente entrava na secretaria de saúde, entrava a Abia, o Gapa³⁶, as travestis, as prostitutas, entrava lá e sentava na sala do secretário de saúde. Dizia: “Vocês...”, elas rodavam a bolsinha, assim, faziam assim para o secretário de saúde, e ele ouvia e encaçapava. Quando eu chego na área de segurança pública, em 99, quase ano 2000, eu vi que a secretaria de segurança estava blindada, *nunca* tinha entrada nenhum movimento social na secretaria de segurança, muito menos movimento homossexual, nem movimento de mulheres. A área de segurança pública era uma área lacrada, é como se realmente o Brasil não tivesse feito a transição ali.

L.O. - Luiz Eduardo diz muito em falas, eu já ouvi. Quer dizer, de alguma forma a esquerda ou as esquerdas acabaram interpretando a questão de violência e segurança como um problema da ditadura, dos militares, da direita. Então demorou a pensar, a propor coisas para essa área. Até porque, dizia: “Violência é porque são as condições sociais, é o capitalismo, a luta de classes, não sei que, não sei que”. Outra coisa...

S.S. - Violência se resolve os problemas das injustiças e das desigualdades, resolve a violência; era a lógica da esquerda.

L.O. - Então ele mostra como não tinha... As esquerdas, de um modo geral, não tinham pensado o assunto. Esse assunto era dos militares, segurança do estado, dos outros. Então, realmente, isso deve ter feito, só estou pensando a partir do que você mesmo diz. Deve ter permanecido como uma coisa remota lá nos governos sem que ninguém...

S.S. - E os governos acreditavam nisso também, que era um problema de polícia, acreditavam que era um negócio, deixa na mão da polícia, não era nem do secretário de justiça, problema da polícia era da polícia, então esse negócio ficou encalacrado, ficou encracado ali, a ponto de

³⁶ Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS

que a primeira vez que eu chamei lá as travestis, para subir no elevador da secretaria, você precisa ver o pandemônio que foi na secretaria, o prédio parou. Olha, já era o grupo do Luiz Eduardo que estava fazendo aquela bagunça lá, era aquele prédio do Detran³⁷, a gente estava lá, sei lá, 12º andar. Você tem que ir por lá por vários andares para ir para a secretaria, tem que mostrar documento. Um Oswaldo aqui, Oswaldo era a Giovana Baby, entendeu? O cara não sabia se era para mandar prender, eles nunca tinham tido *contato* com isso, sabe? Nos batalhões então eu levava as travestis para conversar com comandantes de batalhão, elas iam com aqueles saltos, com aqueles *tailleurs*, elas iam caindo de chique. Entravam no batalhão, “tac, tac, tac”... Olha, o batalhão, sabe o que é você parar? O cara nunca tinha visto aquilo dentro do batalhão, e aí ela estava sendo recebida pelo comandante. Foi assim... É como você andar, como chama aquela propaganda? Cem anos em dez, sabe? Eles tinham parado no tempo. Então assim, eu utilizei em grande medida, não só eu, sob a orientação do Luiz Eduardo que era muito craque em perceber isso, em grande medida, essa lógica de dizer: “Sabe, eu estou aqui no poder público. Sabe como o poder público vai funcionar? Se vocês nos pressionarem”. Eu sabia disso. E sempre a mídia, a mídia, a mídia. Tanto que a gente tinha... Eu achava, acho até hoje, que a gente fazendo esses encontros com grande visibilidade de mídia, transmitissem alguma coisa, está mudando na segurança pública. E o policial que estava acostumado a pegar travesti e levar para lavar o chão do batalhão, o cara falou: “Opa! Acho que está mudando”. O cara via na televisão e tal. Esse negócio teve muita visibilidade e eu acho que a minha experiência no mundo não governamental, de estratégia mesmo, de militância de ONG foi superimportante nessa época. Então foi assim que eu fui parar na secretaria. Essa experiência na secretaria durou só um ano, um ano e três meses, nós fomos mandados embora porque... [riso] estávamos fazendo aquelas barbaridades lá, não é? O Luiz Eduardo, realmente, foi num crescendo. Ao mesmo tempo que a gente foi ganhando espaço, o Luiz Eduardo é uma máquina de fazer política, e ter ideias, e de fazer movimentos. Só que a máquina de polícia começou a reagir na mesma proporção. Então se tornou insustentável, ele saiu por uma coisa do ataque ao governo, ao próprio Garotinho, no que teve razão, depois se viu, porque, acho... O Garotinho falou: “Vamos, vamos, vamos...” quando começou haver reações o Garotinho falou: “Opa... Eu paro”. E o Luiz Eduardo não parou, continuou indo, então... Aí o Garotinho parou de responder, em março ele mandou para o ministério público aquele monte de denúncias e o Garotinho demitiu

³⁷ Departamento de Trânsito

o Luiz Eduardo, o Luiz Eduardo saiu do Brasil, ele e mais Bárbara... No dia que ele foi demitido, o Candido Mendes fez aquelas coisas que ele faz, ele falou, ligou para o Luiz Eduardo e falou: “Luiz Eduardo, quero sua equipe aqui na Candido Mendes. Mas tem uma condição, quero que venham *todos*”. O Candido Mendes faz essas coisas. Dia seguinte a gente estava lá na Candido Mendes. O Luiz Eduardo mesmo não foi nesse processo, porque foi para os Estados Unidos. Depois quando voltou, já voltou foi para trabalhar no governo... Hein?

L.O. - Do Rio Grande do Sul.

S.S. - Do Rio Grande do Sul, do governo municipal lá do Tarso [Tarso Genro]... Tinha se separado de Bárbara, Bárbara veio. Bárbara chegou a participar de algumas reuniões na Candido Mendes, antes de ir para os Estados Unidos se encontrar com o Luiz Eduardo, e a gente criou o Cesec. Assim, nesta oferta generosa e louca, alucinada e visionária do Candido, que verificava ali que ali estava começando um momento novo no campo mesmo, nesse campo que a gente... Hoje estamos até rediscutindo com a Ford isso. Que campo é esse? Campo que na falta de um nome melhor chama de segurança pública e cidadania. Tinha o NEV, Núcleo de Estudos da Violência, na USP³⁸, tinha o Crisp³⁹ na UFMG⁴⁰ só no meio universitário acadêmico. Depois tinha o Viva Rio, no meio das ONGs tinha o Viva Rio e tinha o Sou da Paz, só, então nessa época. Então o Candido Mendes cria o Cesec e, sobretudo no Rio de Janeiro, onde a violência já era um tema da agenda da cidade superimportante, tudo indicava que ia ser mais e mais, como de fato foi ao longo de todo o ano 90...

H.A. - Que interessante, vir do governo...?

S.S. - De toda a década passada, todo o ano 2000.

H.A. - Aí virou um instituto de pesquisa?

³⁸ Universidade de São Paulo

³⁹ Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública

⁴⁰ Universidade Federal de Minas Gerais

S.S. - Virou um instituto de pesquisa, pesquisa aplicada. No sentido de que... Eu acho que nisso a Ford foi muito importante, no sentido de que...

H.A. - Pois é. Como foi esse começo? E esse financiamento como veio? Por você que já conhecia a Ford, não?

S.S. - Não. Foi pela Julita [?] que era amiga da Elizabeth Leeds, amiga pessoal, e a Leeds [Elizabeth Leeds] já tinha financiado a Julita numa pesquisa de muitos anos antes. Acho que quando a Julita estava como assessora da secretaria de gestão penitenciária, a Ford financiou uma pesquisa, foi a Julita e o Leandro Piquet Carneiro numa pesquisa sobre penas alternativas. Eu acho que foi nessa ocasião que a Liz conhece a Julita. A Liz já conhecia o Luiz Eduardo por causa do Iser e acompanhava nossa equipe, acompanhava todo nosso trabalho. Mas eu mesma fui conhecer a Liz [Elizabeth Leeds], eu nem me lembro quando, eu acho que já no Cesec. Nem me lembro da Liz na secretaria, quando eu estava na secretaria, já estava no Cesec quando eu conheci a Liz.

H.A. - A gente entrevistou ela e foi interessante observar essa atenção que ela deu para essa área da governança, da sociedade civil. Porque ela podia ter feito vários caminhos ali, mas ela escolheu esse, em algum momento, e foi superimportante.

S.S. - Olha, eu acho que por mais que a gente fale, não vai ficar totalmente claro como a Liz teve uma atuação pessoal. Ela visualizou, não era um negócio que nem uma agência de financiador estava visualizando o Brasil. Ela visualizou um negócio que ninguém estava visualizando no Brasil. Que era o seguinte: o Brasil tinha um problema grave de violência e o Brasil tinha um problema grave de respostas à violência. Isso aí que você falou, violência crescendo, tudo na mão da polícia, as polícias sem terem passado... Não teve constituinte, não teve nada, não teve anos 80 para a polícia, elas tinham ficado na época da ditadura dos anos 70, as secretarias de segurança perdidas no meio do crescimento da violência urbana e a sociedade civil brasileira: “Isso é problema de polícia”. Nem aí, não era agenda da esquerda e nem do setor progressista brasileiro. A Liz sacou - não sei como - que sim, ela visualizou que existia sim um campo, só que esse campo não tinha se compreendido como campo, no conceito de Bourdier [Pierre Bourdier]. Era um campo, esse campo não se via como um campo. Então

assim, o Crisp, com o Claudio Beato, tinha sido criado dentro da UFMG e fazia ali na prática, não sei como eles conseguiram fazer convênios com a polícia militar de Minas Gerais. Então você tinha ali, você tinha o NEV⁴¹ que estudava violência e se considerava, se sentia muito mais no campo dos direitos humanos e que atuava contra a polícia.

L.O. - Neves que você está falando é o...?

S.S. – Núcleo de Estudos da Violência.

H.A. - Não, não. Você está confundindo com o do Sergio Adorno.

L.O. - É, estou... Tá, tá, tá.

S.S. – NEV - Núcleo de Estudo da Violência, criado pelo Paulo Sergio Pinheiro e pelo Sergio Adorno. O NEV, ele é criado para o estudo da violência, ele é criado e ele se vê, se visualiza muito mais no campo dos direitos humanos. Mas começando a fazer pesquisa sobre violência acaba começando a ter... Tanto que o NEV durante muito tempo foi assim, se via como inimigo da polícia. Mas, por exemplo, foi a Liz que convenceu o NEV a publicar esta grande coleção de polícia no Brasil, foi publicada por causa da Fundação Ford, com recurso e foi ideia dela. Tudo que tem de estudos internacionais de polícia, os clássicos do Bayley [?] e dos outros, foi a Liz que sugeriu e foi o NEV que junto com a Liz fez aquela lista. Publicaram dez títulos ou quinze, que até hoje são clássicos que só estão publicados no Brasil por causa da Ford e do NEV. Então a Liz falou assim: existe uma área aí que não está contemplada nem nos estudos acadêmicos... Já tinha também o Kant, em 99 teve aquela publicação clássica do Kant, do Michel Misse e da Ana Paula Miranda, numa daquelas Bib⁴², sabe o que é Bib?

L.O. - Boletim Informativo Bibliográfico.

⁴¹ Núcleo de Estudos da Violência

⁴² Boletim Informativo Bibliográfico

S.S. - Era uma revista, é da Anpocs, não é? Era uma revista que fazia revisão de literatura de certos temas. E eles fizeram uma revisão da literatura deste tema, não sei nem como eles chamaram, não me lembro agora como eles chamaram, mas era assim, já definindo a existência de um campo. Que pegava os estudos do Kant [Immanuel Kant], do Paixão [Marcelo Paixão], do Beato[?], da Alba[?], algumas coisas que Julita tinha escrito sobre prisão, porque a tese de Julita de mestrado, foi pelo Iuperj, foi sobre prisão, do Michel Misse já, e disseram: “Olha, aqui tem um campo”. Fizeram uma tentativa taxonômica lá, que, na minha opinião, não foi muito bem sucedida porque eles dividiram. Mas eles identificaram, reuniram aqueles títulos, contabilizaram e tal. Isso já existia, esse campo. Mas esse campo não era um campo acadêmico, entendido como campo acadêmico. E ela também visualizou que além desse campo no meio acadêmico, esse campo não se reconhecia como tal. Ela visualizou que tinha esse campo em conexão com o campo de ativismo, que era, primeiro o Iser, que era o grupo do Luiz Eduardo, do Rubem César e Luiz Eduardo, que depois que o Luiz Eduardo saiu do Iser, o Rubem criou o Viva Rio e o Iser perdeu esse campo. Que era aquele segmento que era um pouco consultoria governamental e um pouco pesquisa, que era de pesquisa aplicada, não era pesquisa acadêmica como do NEV e do Crisp, e já era para influenciar políticas públicas, que era um pouco a ideia das ONGs. Ela visualizou que tinha um grupo lá em Fortaleza, do César Barreira, que tinha alguma relação com a secretaria de segurança e com as polícias. Então quando sai o grupo todo do Luiz Eduardo da secretaria de segurança, ela, Liz, eu acho, nunca conversei com ela sobre isso, não sei assim quando caiu a ficha, mas ela segue nesta senda que ela tinha traçado para ela e tal. O que é incrível é que você não tem nada antes disso no Brasil. Este é um caso em que se pode dizer que a Ford ajudou, foi decisiva, para construir um campo. O Beato não sabia que ele estava tão ligado, porque ele podia encontrar o Kant na Anpocs, nas mesmas mesas, mas ele não sabia, ele não tinha noção. Quando a Ford começa a financiar este campo todo, você criou uma nova identidade, de ser *grantee* da Ford. “Ahhh! Então você tem uma nova”... Era a única identidade nova que tinha. A gente se ligava ao Beato, porque veja só, o Beato era do Crisp, Crisp é UFMG, ele tinha os trabalhos dele lá com a PM, mas a gente conhecia o Beato pelo que ele publicava. Ele era um cara do meio acadêmico. Se a gente não ia na Anpocs a gente não tinha Beato, não! Mas quando a Ford começou a financiar, você começa a criar aquelas coisas dos *grantees*, você vai a seminário. “Ah, vai ter um seminário internacional, a Ford paga passagem para todo mundo ir”. Essas coisas que as agências de cooperação fazem. “Vamos fazer um seminário em Brasília, chama quem? Chama o Beato, o Sergio Adorno, o

Cesar Barreira, não sei quem, ah, mas também vamos chamar o Denis do Sou da Paz”. E aí ela começa a financiar toda essa gente. Quer dizer, você ser *grantee* nesse momento... Tanto que ela inventou esse negócio que não tinha nem esse campo. Agora a Ford está numa encruzilhada, a Nilcéia falou para a gente. Que é o seguinte: a Liz tinha criado nesta pasta, que eu nem sei se ela chegou a chamar de segurança pública, dentro de uma pasta maior chamada governabilidade. Quando entrou a Ana [Ana Toni] há seis anos atrás, a Ana acabou com esta - eles não chamam pasta, chamam programa, não é? -, ela acabou com esse programa chamado governabilidade.

L.O. - Governança.

S.S. - Governança, governança. Era *governance*. Ela acabou com esse programa e ela incorporou os *grantees*. Ela ficou assim, os órfãos, ficaram tipo órfãos. Só que a Ana, esta que foi o pulo do gato, também se encantou por essa área, de um jeito que eu nunca imaginei que ela poderia se encantar. Ela viu, visualizou, e ela deu força para o Fórum de Segurança Pública, que digamos assim, consagrou isto como um campo. Fez uma assinatura institucional, entendeu? Tanto é que tem uma coisa chamada Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Então, essa área... Agora, a Ana saiu e a Nilcéia [Nilcéia Freire] falou: “Olha, eu estou com um problema aqui. Primeiro que só tem vocês três de *grantees*.” O Crisp deixou de ser *grantee* no meio caminho, não sei bem porque, acho que não quis mais, o Crisp tem outros grandes financiamentos, o financiamento da Ford achou que passou a ser pequeno demais, eles deixaram de ser. Então assim, não tem mais no NEV, não tem não sei que, ficou só o Cesec, o Sou da Paz e o Fórum⁴³. Então agora o que aconteceu? A Nilcéia falou: “Agora vocês... Saiu a Liz, saiu a Ana, só tem vocês três e o pessoal de direitos humanos fica aqui dizendo assim: “Vem cá, esse campo não é direitos humanos”. Eles são contra, os direitos humanos, aquele negócio de polícia.

H.A. - Caramba.

⁴³ Fórum Brasileiro de Segurança Pública

S.S. - Teve um passo atrás lá dessa coisa de direitos humanos. Tem uma coisa antiga ainda que vem, ressurgiu com o pessoal mais antigo. E as pessoas que estão lá parece que estão um pouco nessa pilha; “Olha, esse pessoal aí... O Fórum, metade dos caras do Fórum são policiais. Então assim, eles têm que se decidirem, eles estão no campo dos direitos humanos ou eles estão em qual campo?”. A Nilcéia abriu o jogo com a gente, falou claramente: “Eu tenho um problema, eu não sei onde colocar vocês. Não sei que programa colocar vocês porque não tem um programa para colocar vocês”. Por isso, porque a Liz inventou, porque esse programa foi uma invenção da Liz. Porque eles têm lá, não é só problema daqui não, é como dialoga isso internacionalmente. Por exemplo, a Ana Toni conseguiu emplacar a ideia de que mídia é um campo novo, mas ela criou aqui um campo de mídia, mas criou-se em Nova Iorque também, então está tudo certo, está redondo. No campo de... Então, esse campo brasileiro que todo o sistema de violência ligado a segurança pública é um problema brasileiro, é também um problema africano. Na África tem, a Ford financiou muito tempo. A organização mundial hoje mais especialista nisso é aquela OSI - Open Society Internacional. Eles estão hoje financiando o Viva Rio, Sou da Paz, um monte de gente, estão também financiando a Abia, mas não no campo da segurança pública. Financiam *Pre Trial Detention*, que é presos provisórios.

H.A. - Cesec.

S.S. - Cesec, financiando o Cesec nessa coisa de presos provisórios. Mas na África eles financiam polícia, modernização das polícias, eles financiam as polícias, as universidades, as ONGs e a Ford não ficou muito forte nisso, entendeu? Mas no Brasil ela tem essa marca. Então a Nilcéia está assim. A gente está agora discutindo se o nosso campo, que a gente está querendo que a Ford compreenda que isso é um campo. Fizemos um projeto para a Nilcéia, ela adorou, a gente vai começar a encaminhar esse projeto a partir de março, fizemos um projeto, em vez da gente fazer um *paper*, porque a Nilcéia encomendou para a gente um *paper*. Em vez de só fazer um *paper*, nós vamos fazer uma reunião com os *founding fathers*, um seminário dentro da Ford. Chamando o Luiz Eduardo, o Kant, não sei quem... De onde nós viemos, o que nós fizemos na década passada, onde nós estamos hoje e para onde está indo. Que esse campo de segurança pública, do ativismo e da pesquisa e da atuação de segurança pública vive, de fato, é um momento... Teve um *up*. Monte de caras, tipo Luiz Eduardo, no Brasil inteiro, assumindo a secretaria de segurança, Saporì [Luiz Flávio Saporì], alguns do nordeste, no Rio Grande do

Sul e tal, gente que veio desse campo, que veio da universidade, veio desse campo. Mas hoje, foi feita a Conferência Nacional de Segurança Pública que é um banho de sociedade civil, Conferência Nacional de Segurança Pública, que juntou policiais, não policiais, ONGs do movimento negro, do movimento homossexual, do movimento de mulheres, Sou da Paz e tudo isso. Nós acompanhamos, nós como organização de universidade acompanhamos, apoiamos. Mas hoje, nesse momento atual, vamos e venhamos, você não tem mais muitas experiências Luiz Eduardo. O próprio Luiz Eduardo foi secretário nacional de segurança pública. A gente está vivendo um momento que eu chamaria de refluxo no campo das políticas públicas. No campo da participação da sociedade civil, a Conferência Nacional de Segurança Pública redundou na criação do Conselho Nacional de Segurança Pública. Como tem o Conselho Nacional de Saúde, assim por diante. Mas o Conselho Nacional de Segurança Pública é um negócio fratricida. Os policiais brigam com os não-policiais, os policiais brigam com... Tem uma agenda corporativa, os movimentos sociais têm uma agenda antipolícia, os movimentos sociais e grupos de direitos humanos tem uma agenda antipolícia e está assim, está em um momento acho que de muito impasse. Então eu acho que esse campo, segurança pública, ele está indo mais ou menos bem na área de pesquisa, mas essas áreas de pesquisa tem que dialogar com as políticas públicas e com sociedade civil. E eu acho que a gente está vivendo... Nós estamos propondo para a Nilcéia fazer um seminário para retomar isso aí. Claro que a criação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que tem tido um papel muito importante nessa área de *accountability*, o fórum não é ONG do tipo que faz ativismo, mas está tratando dos dados, todo ano solta o anuário, tal e tal, que era um pouco o modelo que a Liz visualizou lá atrás da Polícia Foundation. A Liz quando pensou no fórum, pensou em criar aquilo que depois acabou se chamando Fórum Brasileiro de Segurança Pública, até por sugestão minha, porque ia chamar Instituto Nacional. Eu tinha vindo da... Nós viemos de uma conferência em Haia, na Holanda, e tinha um monte de fóruns desses, na África, no Canadá, que era Canadian Forum, África Forum, e o nosso vai chamar National Institut, Instituto Nacional. Vamos chamar de Instituto Brasileiro. Aí acabou sendo Fórum e não Instituto. Então teve esse nome. Mas é o que a Liz tinha visualizado como a Polician Foundation, que é uma fundação de estudos de polícia que foi muito importante para empurrar as polícias americanas para uma área mais acadêmica, mais científica, mais...

L.O. - Só uma coisinha antes, quando o Luiz Eduardo está saindo, que ele foi para os Estados Unidos...

S.S. - Você pegaria um café com cinco gotas de adoçante?

H.A. - Foi mal. A gente nem te ofereceu..

.

L.O. - É, nós estamos aqui tirando o sangue...

S.S. - [INAUDÍVEL] resposta mais breve.

L.O. - Pode dar, tanto que a gente aprende muitíssimo, porque às vezes, até coisas que foram faladas em uma outra entrevista porque a gente... Mas quando Luiz Eduardo vai para os Estados Unidos, eu vou falar uma coisa de pessoas falando, porque a Ford deu dinheiro, deu financiamento, deu bolsa para ele.

S.S. - É verdade, tanto que eles ficam lá dentro do escritório da Ford.

L.O. - E o interessante é porque olhando essa tal planilha lá, eu pedi para eles lerem, procura para ver se tem Luiz Eduardo Soares.

H.A. - Porque tem pessoa física também.

L.O. - Porque têm pessoas jurídicas, pessoas físicas e pessoas... Eu até marquei de perguntar, porque, vamos dizer assim, independente de como foi, vamos dizer, orçamentariamente, que pode ter sido a matriz de Nova York que deu, pode ser milhões de coisas, mas o que se dizia é que foi a Ford que, vamos dizer assim, deu suporte para ele ficar lá, não sei se...

S.S. - Eu não sei como foi, foi um arranjo lá supercomplicado e emergencial. Eu acho...

L.O. - Teria ameaça...

S.S. - Você está falando, agora que eu lembrei, é verdade. A Bárbara me conta que eles ficavam lá dentro da sede da Ford. Não sei como foi isso, foi uma coisa que Liz conseguiu, ela conseguiu emplacar a ideia de que ele era um brasileiro importante, que estava sob ameaça, então, não sei como... Vocês já entrevistaram ele?

H.A. – Não.

L.O. - Não, ele está sendo entrevistado...

S.S. - Diz que outro dia ele esteve aqui, acabou com as fitas da casa.

L.O. - Pela Dulce, não é do nosso projeto.

H.A. – Tem outro projeto.

S.S. - Disse que teve que comprar lá na rua mais fita. Eu vou tomar cuidado para não ser como ele.

L.O. - Mas Luiz Eduardo é um espanto intelectualmente, figura humana etc, mas quando ele começa a falar, ele fala assim, ele começa a falar uma ideia, ele dá dez sinônimos: “Este empreendimento, esta luta, esta energia”... no sétimo... Vamos dizer assim, é prolixo até demais. E não cansa nunca.

S.S. - Não cansa e ele fala como quem está lendo, não é? impressionante. Ele não fala assim: “Hum... É...”. Não faz isso não, gente. Ele fala como quem está lendo, como quem já sabe o que vai falar até o final da página.

H.A. - Agora, esses financiamentos que o Cesec teve, você falou que são continuados, mesmo que às vezes sejam [INAUDÍVEL].

S.S. - Não, aí teve os primeiros financiamentos. Não. O primeiro financiamento a Liz já, assim, eu nem sei como foi, quando eu vi, já tinha. Acho que ela conversou com Julita, foi um

financiamento da pesquisa chamada pesquisa *Controle Externo da Polícia*. Era um financiamento grande, mas para uma pesquisa, para uma pesquisa. Que foi pesquisa sobre as ouvidorias de polícia no Brasil. A Julita tinha sido ouvidora e a Liz falou, porque você não faz uma pesquisa de ouvidoria para ver o que está acontecendo com as ouvidorias. E ela fez um projeto, era uma pesquisa grande que ainda no final tinha um seminário, esse seminário tinha convidados internacionais. Quando você tem um financiamento... Diferente de quando você tem um financiamento da Faperj, a Faperj ela financia assim, tantas bolsas, isso, isso e isso, você tem a sua instituição, a Ford, não. Essas agências internacionais é muito importante porque elas te colocam numa rota, num circuito. Se financiam um seminário internacional... Você fala assim, vou financiar... Vai ter um seminário no final. Bom, esse seminário é financiado pela Ford. Então você fala assim: “Vou trazer o ex-presidente americano para meu seminário”. A Ford paga por fora, entendeu? Ela fala: “Por que você não traz não sei quem?”. E os contatos. Então, os financiamentos das agências de cooperação internacional, em geral, elas te colocam num mundo, então não é só o financiamento da pesquisa. É a pesquisa, barba, cabelo e bigode. Discute com você a pesquisa, eles nunca interferiram em nada, nunca me lembro, nesses anos todos na Ford, nunca interferiram no desenrolar da pesquisa. Depois tem o resultado da pesquisa, quer dizer, o livro, financiam, e o seminário, financiam. Então começou assim. Eu, Bárbara e Leonarda começamos a fazer... A Liz falou: “Por que vocês não pensam numas coisas para apresentar a Ford?”. Acho que era nos próximos seis meses ou no próximo ano, já nem me lembro direito, e eu e Leonarda começamos a apresentar vários projetos. Foi duro, a Liz não aceitou. Ela não aceitou. Ela disse: “Não, isso não”. Eu e Leonarda tínhamos que escrever um projeto sobre temas raciais: raça e racismo. Eu não me lembro o que era. De fato, a gente estava muito perdida no que a gente queria. A Liz dizia: “Isso não, isso não, isso não...”. Não foi fácil, sabe? Financiar os primeiros projetos. Aí, não sei bem como, nós fomos para esse projeto *Abordagem policial*. Não me lembro agora quando a Ford passa a dar... Disse: “Então está bom, não vai ser só os projetos, vai ser um financiamento institucional”. Mas o mais importante que a Liz fez, de tudo isso, não foi o financiamento da Ford, foi... A Hewllet Foundation estava chegando no Brasil, e ela foi uma consultora informal da Hewllet Foundation. A Hewllet Foundation chega no Brasil em 2000... Acho que... O Cesec foi criado em 2000. A Hewllet Foundation chega assim em 2002. Tinha um garoto, eu esqueço o nome dele, ele estava perdido, ele mal falava português e acho que ele teve umas conversas com a Liz. Eles queriam entrar na área de resposta da violência. E eles falam: “Quem a gente

financia?”. A Liz pegou o garoto pela mão e falou: “Você vai financiar esse, esse, esse e esse”. Então assim, eu me senti na época da Abia, o cara batendo na porta... Tanto que eu e Bárbara, a Julita estava viajando, a gente falava assim: “Sabe esse vendedor de Enciclopédia Britânica que você pensa que está sendo enganado? Não é possível”. Ele dizia: “Não, vocês só preenchem isso...” “Não, mas a gente...” “Não, não, está tudo certo...” tal. Era um financiamento acho que de U\$200 mil por dois anos, 200 mais 200, que era uma coisa assim, que era para a gente um financiamento institucional. Então foi a Liz que deu a carta dela que disse: “Vocês querem?” tanto que a Hewlett saiu depois do Brasil, espero que não tenha sido por nossa culpa, [risos].

L.O - Depois do que fizeram aqui, resolveram ir embora, abandonaram...

S.S - Saíram do Brasil... Eles queriam financiar isso e uma coisa na área de meio ambiente, que eu acho que também a Ford ajudou eles. Então nos primeiros anos do Cesec teve esses dois grandes financiamentos. Permitiu que a gente fizesse as obras lá dentro da Candido Mendes, permitiu que a gente contratasse uma equipe maior e o Cesec funciona assim até hoje: uma parte dos nossos salários, uma parte inclusive pequena, é paga por uma espécie de um piso salarial da Candido Mendes, fora a Bárbara, nós não ganhamos como professores, nós ganhamos como pesquisadores, então é um salário muito mais baixo do que professor e a outra parte é complementada pelas verbas institucionais. Tanto dos nossos salários como dos estatísticos e tal. Não tem estatístico, não tem essa função estatístico, na Candido Mendes. O salário do estatístico é o salário do auxiliar administrativo que deve ser, sei lá, R\$1.110 que líquido deve dar R\$800, sei lá, eu estou chutando. Talvez R\$1.500 que deve dar R\$1.100, entendeu? Então a gente complementa com os financiamentos. Por isso que o Cesec tem essa vida dupla de... Mas acho que todos os centros acadêmicos universitários hoje tem isso, hoje, todos eles. Acho que o NEV também vive de financiamento externo. Não é só externo, pode até ser financiamento do governo federal, do governo estadual e tudo. Mas a gente se não tiver esses financiamentos, não sobrevive. Não é só não faz as coisas, não sobrevive no mês seguinte. A diferença é que a gente não tem que pagar aluguel. Outro dia foi uma pessoa lá na Candido Mendes... Não, o Átila Roque, que trabalhou anos com o Betinho, tudo, está sendo representante da Anistia Internacional aqui no Brasil, a Anistia vai reabrir seu escritório no Brasil e convidou o Átila [Átila Roque], que o Átila trabalhou no Ibase muitos anos, depois foi

trabalhar numa organização internacional em Washington e depois voltou para o Inesc⁴⁴ e agora está sendo convidado para ser representante da Anistia no Brasil. Ele está procurando salas. Ele foi procurar sala no prédio da Candido Mendes, cento e poucos metros quadrados era R\$28 mil por mês. Nós temos lá quase uns 200m². Quer dizer, a gente viu que se a gente sair da Cândido... Por mais que... a Candido Mendes não paga, paga atrasado, tal, mas se a gente tivesse que pagar R\$28 mil por mês...

L.O - Só de aluguel...

H.A - Bom, acho que foi bom, não é?

L.O - Acho que completamos tudo. Eu achei graça você falando essa história do campo, como é que é, o campo criado pelo artigo do Bib. Só para a sua informação, o Bib existe desde, não sei quando, e foi criado, na época era Iuperj, Cpdoc⁴⁵, Biblioteca Nacional, mais não sei quem, por incentivo da Ford.

S.S - *Não!* Que incrível, não é? Deixa eu falar duas coisas que agora pensando, que eu falei meio rápido, talvez passou meio mal. Uma é sobre a chegada do Herbert Daniel lá na Abia. Eu falei que o Betinho era aquele mineirão que disse: “Você tem certeza, Sílvia?”. E eu senti que tinha ali uma hesitação também de caráter da modernidade. Ele era aquele mineirão, tal. Mas o que eu preciso dizer é que foi assim, instantânea, que eu não disse aqui, a afetividade, a coisa que deu certo a Abia, é porque o Herbert Daniel e o Betinho se deram bem logo no primeiro momento, mesmo antes do Herbert Daniel se descobrir como portador do vírus da Aids. Quando se descobriu então, os dois viraram quase irmãos. Então foi assim uma coisa... Eu descobri no Betinho essa capacidade muito forte de se modificar, de rever as suas próprias... Se encontrar com os seus próprios preconceitos e se... Ele não chegou em nenhum momento dizer não, porque se ele tivesse dito eu não teria contratado. Mas eu vi uma hesitação. O que para mim era óbvio, que o Herbert Daniel dando sopa no Rio de Janeiro, era escritor brilhante, um cara energético, que vinha com tudo aquilo, não era militante da causa homossexual, mas

⁴⁴ Instituto de Estudos Socioeconômicos

⁴⁵ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

tinha aquelas conexões. Tudo isso, eu tinha certeza que ia dar certo. E, realmente, foi uma grande escolha. Mas eu me surpreendi que vi Betinho assim... Mas foi rápido, foi um instante. Nunca me lembro de ter visto o Betinho nenhuma... Eu acho também que Betinho tinha medo que a Abia se tornasse um Gapa, entendeu? Eu acho. Não sei quanto ele tinha de consciência disso, mas eu logo adquiri essa consciência, que a Abia tinha uma trilha própria, uma missão própria, então isso era uma coisa que eu queria retificar. Deixar claro. O outro é falar uma frase só sobre essa coisa da Elizabeth Leeds. Eu não sei o que tem na vida da Liz ligada a esse campo de segurança pública, nada, especificamente. Ela está escrevendo a biografia do Carlos Magno Cerqueira, não é? Mas o que é incrível e que quando a Liz sai do Brasil, poderia dizer tchau, não é? Mas ela ainda permanece com essa missão de criar o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Então, foi dentro da Ford e tal. Eu não sei assim... Ela teve essa trajetória aqui no Brasil com o Anthony Leeds, ele era... Parece que ele já era financiado da Ford, não é, eles se conhecem porque a Ford financiava... Não sei como eles se encontraram... Eu sei como eles se encontraram: a Liz veio naquele negócio de missão católica...

L.O - Peace Corps.

S.S - Peace Corps. E o Tony [Anthony Leeds]... Mas parece que o Tony já tinha financiamento da Ford para fazer pesquisa em favela. E ela depois no final, muitos anos depois, acho que o Tony já tinha morrido, ela vai trabalhar na Ford. Incrível, não é? E ela vem para o Brasil e tal. É como se a Liz não tivesse ficado contaminada por esta coisa que a esquerda e os progressistas têm no Brasil, que impediram de ver isso que ela visualizou. Eu acho que assim, hoje, realmente, a violência, os termos da violência, da segurança pública e da violência urbana se tornaram candentes no Brasil. Não tem só esses grupos funcionando. Você tem o Mapa da Violência, têm muitas outras pessoas funcionando nesse campo, que não estão muito conectados nesse campo que a Ford ajudou a conectar, que não é de segurança pública exatamente, mas ela teve essa coragem, essa coisa de se associar a *polícia*. Porque esse que é o horror. Quando a Nilcéia falou, a Nilcéia falou: “O pessoal lá na Ford, o pessoal de direitos humanos falava assim: A polícia... A palavra tabu... O tabu é... Você fala violência, tudo bem. Segurança pública é ruim, mas ainda tudo bem, tal”. Tanto que o pessoal na América Latina criou o conceito polícia cidadã para se desassociar da época das ditaduras, do conceito de segurança nacional. Mas esse conceito polícia cidadão não emplacou no Brasil. Então essa coisa de segurança pública... Mas polícia... Ela criou esse fórum... E foi muito duro aqui no

começo, que foi aqui no Rio de Janeiro, a Ford financiou o Cesec, o Cesec se tornou durante, vamos dizer, o mais produtivo neste campo, mas nós não conseguimos fazer nada com a polícia aqui, que a gente pegou ainda dois governos Garotinho, que não foi fácil, a gente era proibido de atuar sobre a polícia. O que eu faço? Eu criei o projeto Juventude Polícia com o AfroReggae que foi o último projeto que a Liz... A Liz não quis nem ver o projeto, quando eu falei, ela disse: “Está aprovado. Eu disse: “Mas que diferença, hein, foi duro você aprovar naquele começo, naquele primeiro...”. Eu suava frio para ela aprovar. Eu mandei, ela disse: “Está aprovado”. Não deu nem tempo de ela ler, com o AfroReggae, tal. Ela disse: “É a última coisa que eu estou aprovando.” Aprovou, a gente não conseguiu fazer aqui, a gente fez em Minas Gerais. Por quê? Porque o Saporì que era um pesquisador do campo... Deste campo da segurança pública que a Ford tinha criado, tinha ajudado a constituir estava lá e o Júnior [José Júnior] do Afro Reggae falou... Nós não estávamos conseguindo fazer, ele falou: “Vem fazer aqui”, eu falei: “Isso é loucura, tal”. Nós fomos fazer lá. Foi o último *grantee* que ela deu. Por quê? Porque é um projeto com a *polícia*, não era pesquisa sobre segurança pública, esse era um projeto de polícia, era o AfroReggae com a polícia e o Cesec monitorando, um programa de intervenção. Tanto que nem foi financiado para o Cesec, foi um financiamento veio via AfroReggae, porque o Cesec já estava com financiamento muito alto esse ano, então ela preferiu dar via AfroReggae. Mas assim, foi um barato da vida dela, ela disse: “É a última coisa que eu vou financiar e eu quero financiar”. Então assim, a Liz tem uma coisa que é, ela tem uma ausência de preconceito e de... Como se diz? De preconceito e de hesitação quando o assunto é fazer pessoas de esquerda, do campo progressista, do mundo acadêmico, intelectual, das ONGs, se associarem a polícia. Ela tem uma profunda compreensão de que é preciso mudar a polícia, e que as polícias só vão mudar por esse meio. Essa que é a novidade, isso que fez diferença dentro da Ford e isso que ela está deixando quando ela deixa o fórum. Porque o fórum é o que? Metade polícia e metade não-polícia. E não dá muito certo, viu? Não é muito fácil, porque é difícil a relação. Vira e mexe no fórum fica assim: o pessoal de polícia fala assim: “Hum, espera aí, mas quantos representantes têm aqui?”. Não é fácil. Mas eu acho que é o nó, o ponto que ela deu adicional é esse, é com a polícia. Isso não é tanto Luiz Eduardo, isso não é tanto sistema penitenciário, que é um tema mais ligado a direitos humanos, isso não é tanto segurança pública que é políticas públicas, é polícia e eu acho que isso que é difícil no Brasil o negócio andar.

H.A - Muito bom.

S.S - Muito obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]